

## Excursão ao Jalapão

Trechos de um relatório inédito

**Pedro Pinchas Geiger**

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/1030>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.1030

ISSN: 2316-7793

### Editora:

Laboratório de Geografia Política - Universidade de São Paulo, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

### Refêrencia eletrónica

Pedro Pinchas Geiger, « Excursão ao Jalapão », *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 3 | 2014, posto online no dia 28 agosto 2014, consultado o 15 novembro 2019. URL : <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/1030> ; DOI : 10.4000/terrabrasilis.1030

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 15 novembro 2019.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

---

# *Excursão ao Jalapão*

Trechos de um relatório inédito

Pedro Pinchas Geiger

---

## EDITOR'S NOTE

O presente documento consiste nas anotações pessoais do geógrafo Pedro Geiger, então auxiliar da 4ª seção do Conselho Nacional de Geografia, quando integrou a equipe de técnicos que efetuou viagem de estudos à região do Jalapão, localizada na divisa dos estados de Goiás (hoje Tocantins) e Bahia, em 1943. A expedição, primeira de uma série de três campanhas em território baiano, foi chefiada pelo engenheiro Gilvandro Simas Pereira e incluía em suas atividades trabalhos topográficos, levantamento de coordenadas geográficas e estudos de geomorfologia e de geografia humana na área. Parte dos resultados das viagens foi publicada na Revista Brasileira de Geografia (v. 5, n. 4, 1943; v. 8, n.4, 1946), ou acha-se disponível no site do IBGE <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>, em todos os casos com assinatura do engenheiro-chefe da expedição. As anotações de Geiger, no entanto, nunca foram publicadas, o que ressalta a importância da presente divulgação.

Dedicado ao guia chefe da expedição, seu Domingos Carvalho, fonte de muitas das informações aqui apresentadas.

## Nota introdutória do autor

- 1 Em 1942, aluno da antiga Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, no curso de Geografia e História, Geral e do Brasil, ingressei no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, indicado pelo professor francês Francis Ruellan. Fui o primeiro das jovens gerações formadas pela Faculdade a ocupar postos no IBGE, na 4ª Seção do antigo Conselho Nacional de Geografia, CNG, sob a chefia de Fábio Macedo Soares Guimarães. Faziam parte desta Seção Lúcio de Castro Soares e Lindalvo Bezerra dos Santos, que, como

o Fábio Macedo Soares, já eram formados em Geografia pela mencionada Faculdade, que iniciara o seu funcionamento em 1937. Fábio Macedo Soares já era engenheiro e Lúcio de Castro Soares, advogado, mas ambos, assim como Orlando Valverde, fizeram o curso de Geografia e História tendo em vista suas carreiras no IBGE. Orlando Valverde, genro do estatístico Carneiro Felipe, era adjunto do Secretário Geral do CNG, Cristovam Leite de Castro. Faziam parte ainda da Seção, então de cinco membros, um formado em Geologia, Musso, cujo nome completo não me recordo, e um calculista, Hédio Xavier Lenz César. Eu estava com 19 anos de idade enquanto todos os outros eram adultos, o Fábio já beirando os 40.

- 2 O quadro acima apresentado ilustra o nepotismo reinante na época, sem desmerecer as qualidades de muitos dos favorecidos. Fábio Macedo Soares era sobrinho do Embaixador Macedo Soares, então Presidente do IBGE e também Ministro das Relações Exteriores de Getúlio Vargas, que conseguiu estabelecer a paz entre o Paraguai e a Bolívia, em seguida à Guerra do Chaco. Lúcio de Castro Soares era casado com uma irmã de Leite de Castro. Orlando era genro de Carneiro Felipe. Um tio de Hédio era membro do Diretório do Conselho Nacional de Estatística. Quando eu fiz o Externato Pedro II, o reitor era um dos Raja Gabaglia, e seu irmão, meu professor de Geografia. Tenho a impressão que este, e seu assistente Segadas Vianna, influíram para que Jorge Zarur se tornasse inspetor de alunos no Pedro II, e depois professor. Havia um corredor entre o Pedro II, a Faculdade de Filosofia e o IBGE, por onde transitaram Delgado de Carvalho e Zarur. Casado com a irmã de Zarur, que era segundo na Subsecretaria do CNG, Speridião Faissol tornou-se geógrafo do IBGE. Regina Pinheiro Guimarães Spindola, depois Rochefort, tinha como padastro o almirante Spindola, representante da Marinha no Diretório Central do IBGE, e que mais tarde se tornaria geógrafo do IBGE.
- 3 O outro lado da moeda mostrava casamentos que se realizavam através da socialização em locais que expressassem uma elevação sociocultural. Lindalvo, Egler, Antônio Guerra, Ney Strauch, entre outros, casaram com colegas do CNG.
- 4 Outro traço da época a assinalar refere-se à hospitalidade associada à cordialidade brasileira, vivenciadas no IBGE. Nos anos 60, quando a ferocidade do regime militar ainda não atingira o clímax do AI-5, estranhei encontrar no IPEA, onde João Paulo dos Reis Velloso era o Superintendente, a socióloga Julieta Calazans, fugida de Recife. E também Joseph Barat (que eu conhecera em encontros culturais para ajudar o marxista português Paulo de Castro) e Rubens de Mattos Pereira, expulso da Mackenzie de São Paulo. Recordo uma reunião dos profissionais do IPEA com o Ministro Roberto Campos, na qual um “dedo duro” denunciou que havia comunistas no órgão. O Ministro, respondeu tranquilamente: “numa guerra, os boletins do Exército exageram as perdas inimigas e minimizam as próprias; contudo, o Estado Maior quer saber da verdade do quadro real. Se os comunistas trabalham bem, e não fazem proselitismo, não me importo com a sua ideologia”. Compreendi então porque nos anos 40, no IBGE do Embaixador Macedo Soares, eu encontrara os recifenses, jornalista Pedrosa e desenhista Percy Lau, chegados depois de 1935.
- 5 Nos anos 40, o IBGE estava terminando o projeto da produção da carta do Brasil ao milionésimo, iniciado na década de 20, e programara a folha do Jalapão para o ano de 1943. A iniciativa requeria levantamentos geodésicos e cartográficos na região localizada nas fronteiras dos estados da Bahia, Goiás (hoje Tocantins), Maranhão e Piauí seguidos de elaboração de uma respectiva folha cartográfica. Numa das reuniões preparatórias da expedição para realizar os trabalhos de campo, o Professor Ruellan sugeriu que um

geógrafo fizesse parte da mesma e indicou o meu nome. Eu deveria realizar, paralelamente aos levantamentos geodésicos e cartográficos, um relatório de Geografia Física e Humana da região. O Professor Ruellan, que chegara ao Brasil em 1940, introduzira o treinamento de trabalhos de campo na Universidade, de modo que, percebo hoje, isto tornava difícil contestá-lo. Porém a aceitação foi feita à contragosto de quem já se encontrava há mais tempo no CNG.

- 6 Hoje percebo o significado político da introdução dos trabalhos de campo, segundo métodos definidos, na História da Geografia. Antes de se tornar uma disciplina universitária autônoma, a Geografia era praticada, inclusive por razões patrióticas, por militares, diplomatas, engenheiros, advogados, geólogos e escritores (Guimarães Rosa foi membro da Sociedade Brasileira de Geografia, fundada no século XIX). Em 1940, parte dos que participavam da gestão do CNG não era formada de geógrafos, caso do historiador Virgílio Correa Filho, subsecretário do CNG. O Instituto Histórico Geográfico Brasileiro possuía forte ingerência no IBGE e os Congressos de Geografia reuniam massas de não geógrafos. Os trabalhos de campo viriam a ser o instrumento distintivo da atividade modernizadora geográfica. Com a utilização da mesma, os jovens diplomados em Geografia iriam ocupar o lugar dos não diplomados de instituições como o IBGE.
- 7 Em se tratando da necessidade constante da reconstrução do conhecimento, inclusive do novo, não há nada que venha só para o bem ou só para o mal. O trabalho de campo ajudou a modernização da Geografia, mas, por outro lado, conduziu também a um processo corporativo, que excluiu setores sociais da participação na produção de conhecimento geográfico. No Brasil, como em outras partes do mundo, separaram-se as *Associações*, compostas de geógrafos com diploma, das *Sociedades de Geografia*, compostas por não diplomados.
- 8 Os anos 40 foram de grande eferescência na cidade do Rio de Janeiro, então capital federal e a mais populosa do país. Havia a Guerra Mundial e seus gigantescos embates ideológicos, havia a ditadura Vargas e os movimentos pela democratização do país. A agitação estudantil era vigorosa e neste contexto eu estava sendo politizado por colegas mais velhos da Universidade, onde destaco o papel de Newton de Almeida, que seria um articulista político na Folha de São Paulo. Minha inclinação marxista já aparece claramente na descrição de cidades da região do Jalapão, evidenciando a ação das classes hegemônicas nelas presentes. Talvez esta tendência política que transparece no Relatório, além dos descontentamentos com as interferências do Professor Ruellan ou uma redação considerada deficiente, tenham influído para que o meu trabalho não fosse editado e a descrição geográfica que cabia inicialmente a mim aparecesse no relatório do chefe da expedição, o engenheiro geodesta Gilvandro Simas Pereira.
- 9 Na presente oportunidade, quase sessenta anos depois, apresento de forma inédita trechos selecionados do meu relatório original.

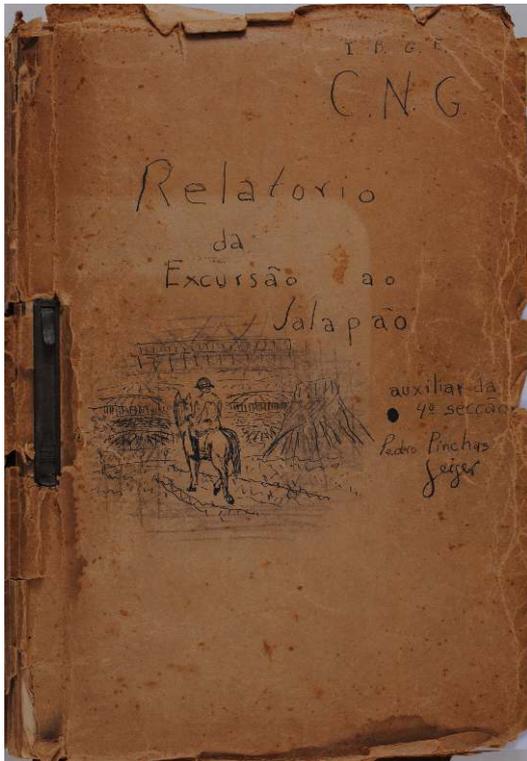
## O formato do texto que se segue

- 10 A excursão à região do Jalapão cobriu um espaço geográfico que se estende da confluência do rio Grande com o rio São Francisco, na Bahia, onde se situa a cidade de Barra do Rio Grande, até as áreas drenadas pelos afluentes da margem direita do rio Tocantins, penetrando também em trechos piauienses da bacia do Parnaíba. O grupo iniciou os seus estudos em Barra do Rio Grande, em maio de 1943. Montando mulas e burros seguiu até



- 15 Desci de “gaiola” pelo rio São Francisco de Pirapora até Barra do Rio Grande, ponto de reunião com a equipe de profissionais do IBGE, composta por geodestas e topógrafos. Ao todo, sem contar os guias e ajudantes contratados, o grupo era formado por cinco pessoas. A malária grassava no vale do São Francisco e fui afetado pela mesma.
- 16 À noite, dormia-se em choças, com cuidados especiais com o “barbeiro”, nos “Gerais”, ou em barracas armadas. Ao longo do caminho eu deveria realizar um levantamento topográfico e geomorfológico. Para tanto, carregava instrumentos que deveriam ser lidos a cada mudança de rumo: uma bússola; um podômetro, que media os solavancos do burro, transformados em passadas, a fim de medir as distâncias percorridas; por fim, um barômetro, cujas medições forneceriam as altitudes dos pontos de observação. O professor Ruellan me disse que eu deveria esperar a bússola ficar completamente imóvel antes de lê-la, pois o movimento a fazia oscilar, instrução que eu seguia rigorosamente. Assim, pouco a pouco o grupo ia se distanciando de mim, a ponto de perdê-lo de vista. Nos “Gerais” desertos, quando ocorreu pela primeira vez esse distanciamento, caí em pânico. Não havia propriamente uma estrada, mas pistas que se dividiam e se entrelaçavam em grande número. Por qual seguir? Até que descobri que o burro conhecia o caminho. Era ele quem me guiava, e não eu a ele.
- 17 Num outro episódio, desmontado e só, entrei num areal movediço e comecei a afundar. Por sorte, pude me agarrar aos galhos de um arbusto e dar um impulso a meu corpo para sair.
- 18 Para os cálculos de latitude e longitude mirava-se as estrelas com o teodolito e ouvia-se pelo rádio a badalada do Big Ben, em Londres, às 9 horas da noite. Foi assim que tomei conhecimento da invasão da Sicília pelos aliados, em julho de 1943.
- 19 À noite se escrevia-se relatórios à luz de lampiões a querosene. Ouvia o grupo gargalhar quando o chefe Gilvandro sugeria, entre sorrisos, a maneira de declarar os custos da expedição: “põe como milho para os burros”. Só muitas décadas depois, quando houve um processo contra ele, por corrupção, compreendi o que presenciara no Jalapão.
- 20 Eu conversava muito com o guia chefe, mesmo porque isto fazia parte da minha pesquisa de Geografia Humana. Teria ele percebido minhas inclinações políticas? O fato é que ele me contou sobre a passagem da coluna Prestes pela região, entre outros relatos.

## Capa do relatório

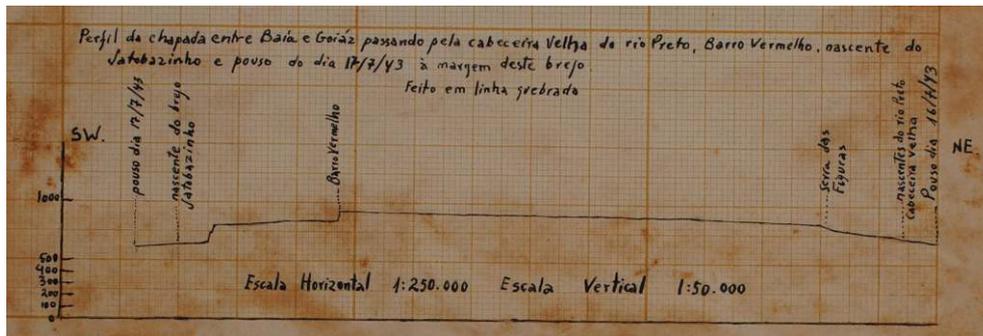


## 1. Da geografia física

### 1.1 - A Chapada de arenitos cretáceos<sup>1</sup>

- 21 Entre o rio Preto e os rios goianos, a chapada fica a 800, 950 m de altitude. Na superfície plana e arenosa da desagregação dos arenitos está a campina limpa. Tufos de capim agreste, alguns mais baixos e de vez em quando aparece um arbusto retorcido e seco. Aí se tem a impressão de deserto: para todos os lados, vê-se o horizonte, como no mar, numa paisagem monótona, sem vida animal, pois não há “um pingo d’água” nestas terras paupérrimas. Nesta planura qualquer avião aterrissa facilmente.
- 22 Para o viajante a chapada parece horizontal, mas ela é levemente inclinada, descendo para o E. e para o N. A altitude máxima e o divisor [de águas] se encontram “pouco antes da escarpa” voltada para Goiás. (...)
- 23 A erosão não é igual em todos os lados; depende dos níveis de base dos rios. Para Goiás e Piauí, o trabalho das águas foi superior que para a Bahia e daí aspectos diferentes na paisagem. Para Goiás a escarpa é mais alta que para a Bahia e a disposição diferente. O rio Tocantins corre mais baixo que o São Francisco e os afluentes do primeiro têm o nível de base mais baixo que os do segundo. (...) [Os rios goianos] vão alargando as bacias fazendo recuar o divisor (o que é notado pelos moradores locais) capturando terras que eram da bacia do São Francisco. A chamada lagoa do Veredão mostra um caso de captura.
- 24 Daí esse perfil de chapada, subindo para W. até a queda brusca da escarpa de Goiás.

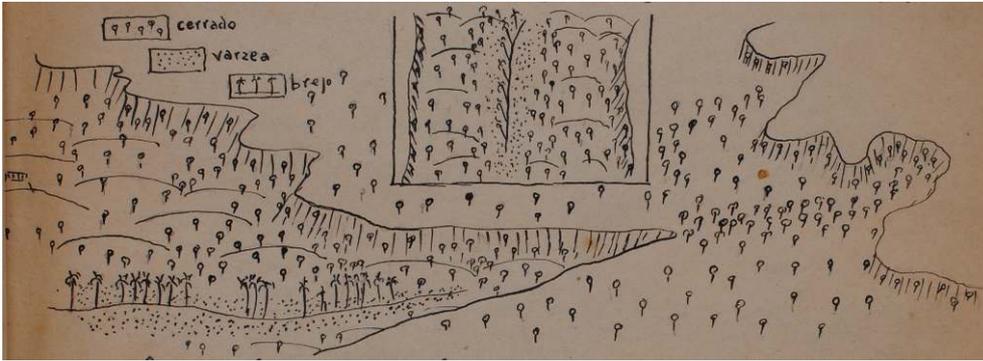
Perfil da chapada entre Bahia e Goiás passando pela cabeceira velha do rio Preto, Barro Vermelho, nascente do Satobazinho e pouso do dia 17/7/43, à margem deste brejo



- 25 O nível de base no mar comanda a erosão dos rios piauienses, até a chapada.

## 1.2 - A escarpa e os vales goianos

- 26 (...) Na chapada, o sol nos queima a pele, mas, o vento SE, forte e constante refresca o ar. O vento atua sobre as areias tornando-as tão finas que não nos incomodam, mas, ficamos completamente sujos. De repente, chega-se à borda da chapada e a paisagem se abre. Vê-se a descida em degraus com terraços intermediários e nas encostas o cerrado aparece.
- 27 Descemos o primeiro lance (...).
- 28 Um cerrado ralo cobre este pequeno “planalto terraço” arenoso. (...) São piques, timbós, surucuns, macaúbas e outros arbustos, num capim agreste com catulés e caturis, e onde pode haver alguma mata baixa. (...)
- 29 Depois de 7 km de primeiro degrau, tivemos a segunda descida difícilíssima, de uns 150m (...).
- 30 O boqueirão vai abrindo. Sempre o cerrado ralo e depois, surge um pântano no meio, onde aparecem os suntís, buritiranas, sassafrases, indicando o brejo que é a nascente de um rio. No início não há água corrente superficialmente, apenas uma lama que atola; os buritis e os sassafrases ficam no meio ao lado do brejo, é a várzea, numa faixa de terra mais úmida, com capim verde e baixo, que o acompanha nas duas margens. (...)
- 31 O brejo avança pelo planalto, torna-se corrente; o boqueirão desaparece, a escarpa vira: ela é perpendicular aos rios goianos.
- 32 É a forma do relevo: as chapadas terminando por degraus com duas ou três escarpas ou terraços intermediários, ora mais largos ora simples franjas, e, [ainda,] os sinais de erosão por enxurradas (...). É possível que este planalto forme outro degrau com escarpas mais para dentro de Goiás.



- 33 Esse aspecto mostra a forma de revelo, dependendo da maneira pela qual sofrem a erosão as rochas constitutivas da chapada.
- 34 As escarpas em degrau são devidas à alternância de camadas de arenito mais resistentes/ menos resistentes à erosão. Poderia haver outra causa: questão de ciclos de erosão, mas, o Professor Ruellan mostrou, em tertúlia realizada no Conselho Nacional de Geografia sobre esse assunto, que neste caso, as camadas deviam ser cortadas em bisel (...).
- 35 Os brejos nascem pelos 650 m e deve ser por exudação de um lençol d'água: o lençol d'água deve estar sobre uma camada impermeável ou entre camadas impermeáveis.
- 36 Se acompanhamos o brejo, depois de algum tempo forma-se uma mata galeria que vai aumentando e os buritis vão diminuindo; então é o rio. (...)
- 37 Os cursos d'água se afastam das escarpas com boa velocidade, por entre morros abaulados. (...) Ao lado do curso está sempre a várzea, talvez inundável totalmente nas cheias, atravessada de vez em quando pelos brejos afluentes. Alguns brejos se deixam atravessar com dificuldade e por outros não se passa porque atolam (...).

#### Croquis 2 a



A vegetação é mais densa com buritis no brejo do Jatobazinho que corre no meio do boqueirão vindo de SE. Vê-se a várzea e o cerrado ralo do morro abaulado. A escarpa em escada mostra a alternância de camadas de arenito mais e menos resistentes. Em 210° é um bico de serra.

## Croquis 2 b

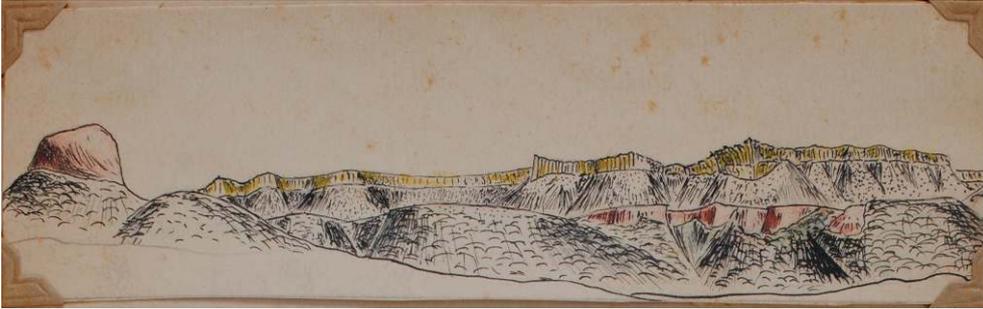


Para NW. corre o brejo e vê-se os primeiros morros testemunhos. Desenhado a uns 2000 m. das nascentes do Jatobazinho em 18/7/43. Altitude 620 m.

## Foto 7

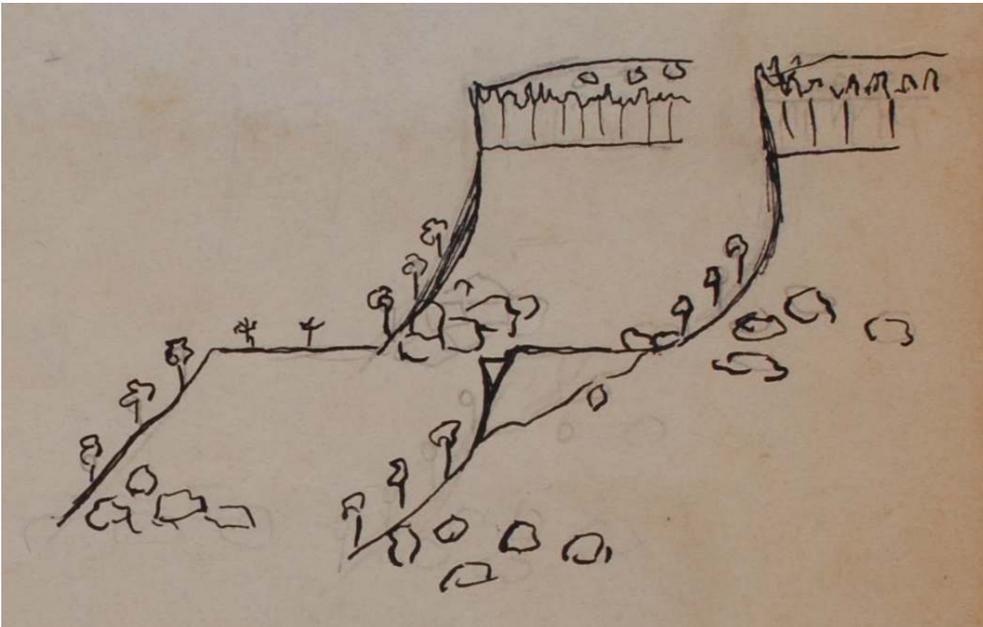


A várzea do brejo do Jatobazinho se alarga muito quando o boqueirão se abre e a parte pantanosa com buritis é muito larga. Vê-se a garganta na serra donde vem o brejo. Pelas folhas das árvores nota-se um vento forte, local que de manhã sopra do boqueirão para fora. Fotog. à margem do brejo Jatobazinho a 4 km do ponto onde descemos a escarpa para SE. Alt.  $\pm$  600m. 18/7/43

**Croquis 3**

Perto das nascentes do brejo Fechado vê-se bem as duas escarpas. A superior tem a rocha nua a pique, arenito amarelo pálido e a inferior tem o arenito vermelho. O terraço estrutural é aqui bem estreito.

Vê-se algumas formas côncavas, as agulhas e castelos no arenito amarelo e os cones de detritos com o cerrado. No canto esquerdo aparece um bloco testemunha do degrau inferior. Desenhado no local de repouso da noite de 19/7/43, para E.

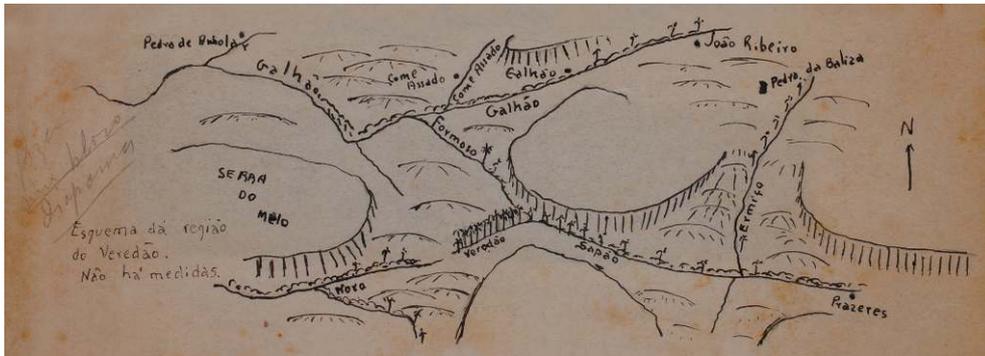
**Desenho 2**

Perfil das escarpas. Em cima, a camada mais resistente é menos inclinada, e depois é a rocha nua a pique com figuras; em seguida vem a zona de detritos; o terraço estrutural e finalmente a 2ª escarpa mais suave.

**1.3 - O Veredão**

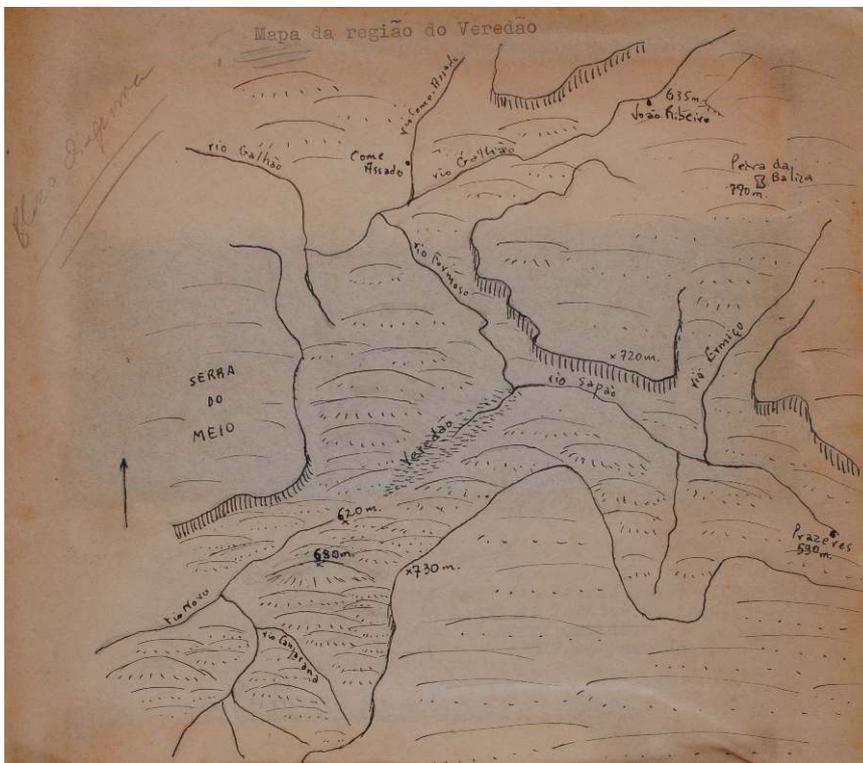
- 38 Perto do rio Novo, o planalto em que estamos está a uns 600 m de altitude e a escarpa vai aos 700, 800 ms. As nascentes deste rio não estão junto à escarpa. A escarpa que está afastada é interrompida por um corredor onde passa o rio Sapão, que corre para E.
- 39 O brejo que forma o Sapão está em frente ao brejo que forma o rio Novo e, além disso, bifurca-se e outro braço forma o rio Formoso, afluente do Galhão que corre para W. (...)

## Esquema da região do Veredão



- 40 Chama-se de Veredão ao brejo nascente do rio Sapão, o mais exuberante de todos os “gerais”, o mais denso buritizal. (...) Aproximamo-nos pela várzea até onde era possível; depois é o pântano com os buritis. (...).

## Mapa da região do Veredão



## Croquis 5



Nascente do brejo Cerca de Arame, vendo-se bem os bicos de serra e o planalto de morros abaulados cobertos de areia.

22/7/43 ±540 m. de altitude.

- 41 Do rio Galhão, fomos à chapada que separa Bahia de Goiás e estes do Piauí e Maranhão. A *pedra da baliza* é um detalhe interessante; fica nesta chapada na linha divisória Tocantins - São Francisco e tem a forma de um cálice. De uns 5 m de altura, de arenito onde se vê a estratificação entrecruzada, foi deixada pela erosão e marca um antigo nível da chapada (...); tem este nome porque servia de baliza para os viajantes que iam da Bahia para o Tocantins, ou vice-versa. (...).

Foto 25: a pedra da Baliza

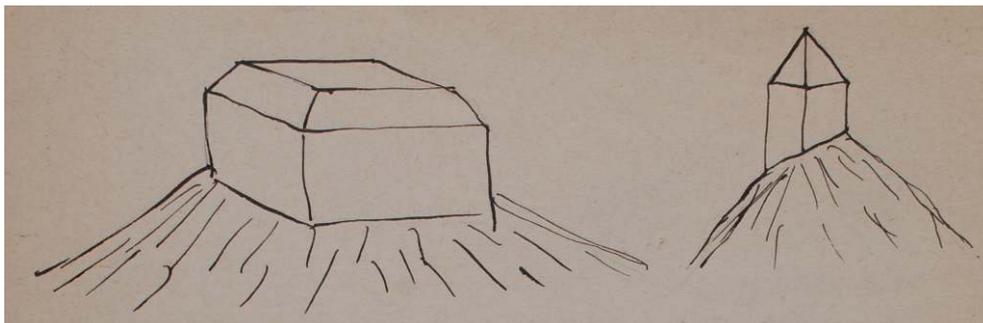


Entre o Ermiço, afluente do Sapão, e o rio Galhão, fica a pedra da Baliza no alto da chapada. Ve-se, a estratificação entrecruzada e a forma devida à ação das águas e ventos. A chapada aqui está levemente ondulada, como se vê pela ação das águas que vão ao Ermiço e Galão. Para N. 27/7/73. Altitude 770 m.

Fotos Eng. G. S. Pereira

## 1.4 - No Piauí

- 42 (...) Nas terras quentes do Piauí não há ventos como em Goiás, nem as figuras, agulhas e castelos, salvo em alguns blocos isolados. Essa ausência de formas bizarras pode ser devida ao arenito mais resistente ou à ausência do vento.



- 43 Em baixo, um pouco adiante da escarpa, (...) está o brejo. Os brejos piauienses não são tão exuberantes como os goianos, são menos numerosos e muito curtos. Rapidamente se tornam riachos, sem buritis, correndo pelos cerrados e caatingas. É que o perfil das correntes está próximo ao do equilíbrio: corrente a 12 km da escarpa está já a 434 m de altitude e, assim, o aspecto de “gerais” é numa região pequena, onde há a escarpa e a os brejos mais curtos. (...) Menos água corre para o Piauí e as várzeas são menos pantanosas, permitindo alguns brejos serem atravessados. Os buritis são menos numerosos. (...)
- 44 Nós subimos e descemos a escarpa desta “serra do Piauí” ou “serra Grande” várias vezes e vimos como têm estrutura diferente do que vimos nos “gerais”. Em Angelim, Olho D’água, Santo Antônio e Gameleira, por exemplo, encontramos na escarpa xistos, xistos micáceos e micaxistos de fácies algonquiano em camadas muito movimentadas, e, ela está sempre cheia de seixos de quartzitos, quartzos e conglomerados ferruginosos, canga. (...)
- 45 Aí, na região das veredas compreendemos bem a influência do clima. Toda a erosão é feita na estação das chuvas pelas enxurradas e só nesta estação o homem o homem que mora nas veredas tem água corrente. (...)
- 46 Por estarmos agora noutra estrutura, não há lençóis d’água, nem brejos. (...) O quartzito da chapada deve ser impermeável e a água não infiltra, desce pela vereda (...).
- 47 Desde a região de Corrente já há veredas, também chamadas “riachos” no Piauí (...), que, deixando a chapada, correm por entre os tabuleiros mais ou menos planos. (...)
- 48 Corrente fica na margem norte do rio de mesmo nome e o rio Paraim corre um pouco mais ao sul. Atravessamo-los facilmente, era na estação seca, estavam rasos com alguns centímetros de altura apenas. São leitos largos, às vezes com barrancos onde se vê as marcas das enchentes na chuva. As areias das margens são amarelas e vermelhas e devem vir desde a chapada. São muito laterizadas; a ocupação do solo é sempre afastada do rio.

## 1.5 - O alto rio Preto

- 49 Para o São Francisco vão as águas do rio Preto, que erodiu a chapada no L. O rio Preto (...) é o responsável pelo revelo; é uma das saídas para o exterior do sul do Piauí e de um trecho de Goiás, é o único meio de ligação das populações da bacia com o mundo de fora.

- 50 Formado pelo rio Sapão e pelo rio Preto propriamente dito, é até a confluência dos dois rios que temos a paisagem dos “Gerais”. Já vimos que a chapada que separa Bahia de Goiás decai lentamente, para o leste, e a campina limpa vai se transformando em campo sujo e mesmo cerrado muito ralo em alguns pontos. Depois, há uma pequena descida brusca, a chamada serra das Figuras, porque há uns blocos de arenitos testemunhos da erosão nestes declives, e passa-se para a região de morros arredondados (...).

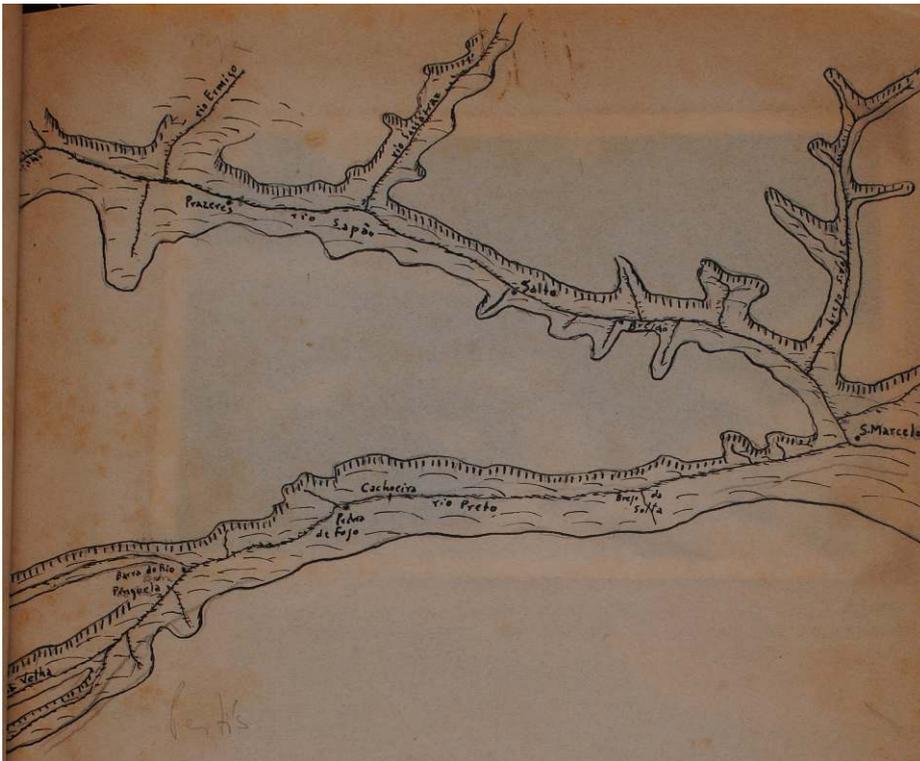
#### Croquis 6 Nascentes do rio Preto



É um brejo que serpenteia no meio da várzea (...). É descendo o vale, quando os morros ficam mais baixos e suaves pela erosão, que o cerrado os cobre e a escarpa se destaca.

- 51 O resultado da erosão ter sido mais fraca para o São Francisco, vemos agora no relevo da Bahia: o vale do rio Preto é muito estreito e as escarpas paralelas ao rio acompanham-no por muitas léguas. (...) À proporção que se desce o vale, os morros entre as escarpas e o rio vão ficando muito suaves e passam de campo sujo ao cerrado, a vegetação “chapada”. (...)
- 52 Em São Marcelo juntam-se o rio Preto e o rio Sapão; (...) é a zona de transição dos arenitos para outra zona a L. (...). A paisagem vai mudando: acabam os brejos e a várzea se estreita e se torna interrompida. Os buritis vão desaparecendo, enquanto a mata galeria se adensa, e o relevo entre a escarpa e o rio fica mais irregular, coberto por um cerrado mais denso em muitos pontos. (...)

## [Entroncamento dos rios em S. Marcelo]



- 53 Os locais notam a diferença entre o que fica antes e depois de São Marcelo. Para cima são os “gerais”, e o que vêm bem é que lá há água sempre, e nos notamos que o rio Preto só tem afluentes no alto curso. (...).
- 54 Assim, “gerais” é a zona arenítica com os brejos, buritizais, várzeas, campinas, cerrados ralos, relevo suave (exceto a escarpa das chapadas).

### 1.6 - O vale médio e baixo do rio Preto

- 55 No curso médio e baixo [o rio Preto] não recebe mais afluentes perenes porque é a região das veredas.
- 56 Abaixo de São Marcelo deixa-se de ver a serra da margem do rio. A várzea tende a se estreitar e a se interromper; passa a ser a margem baixa inundável nas enchentes, ocasional, e a mata galeria aumenta e adensa. Os buritis diminuem progressivamente a proporção que se desce o rio. (...)
- 57 Depois do brejo Grande, que é o último, o terreno fica mais movimentado com os morros íngremes que às vezes ficam na margem do rio formando barrancos. Num desses morros afloram os xistos em camadas quase verticais. (...) Também, ainda, antes de Formosa, há o cerrado denso que chamam caatinga. (...)

## 2. Da geografia humana.

### 2.1 - A ocupação humana dos Gerais

- 58 A esta paisagem corresponde um tipo de ocupação. Os “geralistas são os moradores desta zona pobre e quase deserta e têm uma vida rude e muito ligada à natureza.
- 59 Esta terra arenosa não oferece quase nada.
- 60 Quanto à chapada, é completamente deserta, não há água e nós a atravessamos num dia; todos fazem isso, embora sejam mais de 20 km de chapada, com mais 6 km ao ponto de água no rio Preto e mais 10 km para o ponto em Goiás. [Devido à falta deste líquido e de os tufos de capins serem ruins, duros e cortantes, quase não são tocados pelos burros]. Além disso, no alto da chapada, de noite, é um frio de rachar, já que é um clima tropical continental em altitude elevada.
- 61 É próximo aos brejos e rios que vive uma pequena fauna. O pasto pobre e seco não permite muitos indivíduos; mas, há espécies de certo porte pois estamos em lugares abertos. Temos a sussuapara, o queixada, o caititu, a campeira, o galheiro, a anta, a ema, a seriema, tatus, pacas, e deles vive a onça que tem as locas<sup>2</sup> na encosta da chapada e o sucuruíú<sup>3</sup> que vive no remanso dos brejos. Há ainda o homem, que se serve de todos aqueles. Viajando na beira dos brejos somos atacados pelos gritos das araras e papagaios, e os pombos tentam a nossa mira.
- 62 Em muitos lugares é mais difícil encontrar o homem do que um dos animais que citamos.
- 63 O homem é raro nos gerais: e, isto, não é só porque a terra é pobre, mas, também, porque mesmo nas terras próximas algo melhores há uma fraquíssima população; porque o Brasil em geral tem um fraca população e imensas regiões, boas ou más, estão na fase de descobrimento e povoamento inicial, bem lenta, pois, e outras não evoluem tanto que possam fazer pressão sobre aquelas. No nosso caso: o São Francisco não se desenvolveu tanto, a população não se adensou tanto que já empurrasse em maior número gente para subir os afluentes baianos que vêm do W. e muito menos até as cabeceiras. O mesmo para o lado de Goiás.
- 64 Assim, pela posição, longe de um centro importante; [pelas] comunicações difíceis, [justifica-se o vazio]. Se fossem de terras boas, os “gerais” talvez tivessem maior população (...).
- 65 São Marcelo foi a porta dos “gerais”. Era uma localidade situada na confluência do Sapão e Preto (...). O vapor do São Francisco vinha até São Marcelo. A localidade hoje está arrasada pelas lutas políticas, restando 3 a 4 famílias. Mas, é pelo vale do Sapão e pelo do Galhão, que ainda se fazem as comunicações entre a Bahia e Pedro Afonso. E Porto Nacional, e aí está a ocupação principal dos “gerais”.
- 66 De São Marcelo para as nascentes vai diminuindo o número de casas até o deserto da chapada e depois, descendo os rios goianos a população vai aumentando relativamente para o Tocantins. (...)
- 67 Os geralistas, pobres que fugiram de outros lugares para terras sem dono, fugitivos da seca ou da justiça, nascidos do lugar descendentes de caboclos ou de ouros mestiços, constróem as casas rudimentares, às vezes simples choupanas, aproveitando o material da natureza. Dos sassafrasas fazem as armações e com a palha de buriti trançam as paredes e

- fazem o telhado. Algumas têm as paredes com terra batida. Instalado na terra, dela vai vivendo o geralista porque ele está isolado do mundo. Faz então a pequena lavoura para o consumo; escolhe um lugar junto ao brejo, faz a derrubada, a queimada, cerca e planta.
- 68 Perto do brejo, ou mesmo na lama deste, é o arroz e para fora, a mandioca (só a brava) e, é quase só isso a lavoura nos gerais; o feijão não dá bem e o milho não produz. Mesmo o arroz é feio e os pés de mandioca são baixos. Em 2 ou 3 pontos eram agrupamentos de casas e vimos cana de açúcar.
- 69 Planta-se uma só vez por ano, não por falta de água, mas, porque a terra não ajuda, e de 2 em 2 anos, ou mesmo de ano a ano, muda-se a roça. Plantando em outubro, novembro ao começarem as chuvas, a colheita é desde maio e guarda-se os cereais em sacos de couro, no quintal da casa. Às vezes, há umas laranjeiras de frutas azedas, bananeiras, ou mangueiras.
- 70 Viajando pelos gerais vimos de vez em quando, nas várzeas dos brejos, gado em pequena quantidade. Um pequeno rebanho havia nos gerais. Este gado, no entanto, não é daqui: quando chega a época da seca os criadores do vale do rio Preto e do rio Corrente mandam o gado para os “gerais”, para o refrigério. Para baixo de São Marcelo, na Bahia, e em Corrente, no “verão” a seca se faz sentir com violência; lá não há brejos e então o gado vem aos “gerais” até passar a seca e volta para a “caatinga” no “inverno”.
- 71 Nos brejos, o gado emagrece porque o pasto é pobre, mas não morre. Os criadores escolhem os melhores brejos, os mais habitados e aí pedem a algum geralista para “olhar” o gado. Assim, há os que também trabalham de vaqueiro.
- 72 Isto é modo de dizer, porque o gado fica solto pelas várzeas, à vontade. O geralista apenas vai de tempos em tempos dar uma espiada, ver, por exemplo, se nasceu um bezerro.
- 73 Perto de algumas casas há uma pequena manga, um cercado, onde são amansados os bezerros.
- 74 Para “olhar” o gado no refrigério ganha o geralista, como é comum em toda a área visitada, por “sorte”, 1 bezerro em 4 ou 5.
- 75 Alguns geralistas do Sapão ou do Galhão têm algumas cabeças de gado próprios e 2 ou 3, em melhores condições, têm 10 a 20 animais. Outros 2 ou 3 criam algumas cabras, mas, o que não falta quase, em qualquer casa, são alguns porcos. É a criação caseira por excelência e na casa mais pobre sempre há 1 ou 2 porcos. Algumas galinhas também encontramos em muitas casas. É que os porcos comem tudo e proliferam em grande número. Esses animais não [são consumidos] quotidianamente, porque acabaria a criação; só raramente, se come um animal doméstico.
- 76 Todo geralista sabe caçar e a caça é que fornece a carne. Mas, ela é difícil porque a fauna, além de ser pequena pela pobreza de pasto, já foi muito diminuída pelas matanças. Come-se o tatu, a sussuapara, a campeira, o galheiro, o caititu, a paca, o queixada, a ema. Os couros e as penas são guardados.
- 77 Às vezes o geralista faz um passeio mais longo pelas chapadas e, enquanto o filho trata da roça, ele ficará 2, 3 semanas explorando as mangabeiras. Na casa do geralista, podemos encontrar amontoados num canto alguns couros de gado ou de caça, penas de ema e alguns quilos de mangaba. No vale do Galhão e do Sapão, onde a produção é melhor um pouco, alguns conseguem guardar algum arroz ou mandioca para a venda.

- 78 Interessante é como se consome os animais domésticos. Quando alguém mata um animal consulta antes os vizinhos para saber se terá compradores. Para os mais íntimos dá pedaços. Noutra dia, outro fará o mesmo.
- 79 A maioria dos geralistas, pelo menos uma vez por ano, vai a Formosa do rio Preto. De buriti trança-se uma cesta onde se põe os produtos e se põe nos cavalos. Não se cria burros nos gerais porque não agüentam com o pasto pobre e os cavalos são adaptados. Já um viajante que atravessa os gerais vai de burro, animal mais resistente, alimentando-o de milho e rapadura. Por ter acabada a carga de milho e rapadura perdemos a viagem às nascentes do Parnaíba.
- 80 Quase todos os geralistas têm algum animal e só os muito pobres não os possuem. Compreende-se que um sertanejo daquele, pobre, tendo economizado algum dinheiro, gaste-o comprando um cavalo; que outra coisa pode interessar-lhe mais?
- 81 Se não tiver cavalo, animal de carga e de monta, o sertanejo venderá o que tem ao vizinho que o possui (o vizinho, muitas vezes está a 20, 30 km; ir lá, tratar do negócio e voltar leva 3 ou 4 dias, por isso, no sertão a vida parece mais comprida e lenta).
- 82 Chegando ao “comércio” o geralista venderá a mangaba, os couros, as penas, o arroz, aos bazares e quando voltará trará o que mais precisa: sal, a pólvora, o café e os “panos”.

\* \* \*

- 83 Já vimos que os vales do Galhão e do Sapão são os mais povoados.
- 84 Em Goiás, quando descemos pelo [rio] Manoel Alves não encontramos ninguém até 2 léguas da cidade do Duro. Aí, no Calixto, havia, apenas, uma casa de palha e uma magra roça de mandioca.
- 85 No caminho, por picadas mal cultivadas que desapareciam de vez em quando na campina vimos algumas poucas cabeças de gado. Estas picadas ligam Dianópolis com Rio Preto, pelo vale do Manoel Alvinho e do rio Preto. Não se encontra, no entanto, quase ninguém.
- 86 Barreiras, com o aeroporto, com o vapor constante e com um comércio mais desenvolvido arrasta as cidades próximas do Tocantins, já havendo uma rodovia recentemente construída entre o Duro e Barreiras. As relações desta zona goiana de Duro e Natividade com Rio Preto são ocasionais.
- 87 Às vezes, pelo M. Alves ou rio Preto, encontra-se um sertanejo ou outro, mal vestidos, de alpercatas (“salga-bunda”, como dizem, porque joga areia) com um saco nas costas. São os que voltam para Rio Preto, ou para além, dos trabalhos do Pium.<sup>4</sup> O Pium atraiu com o cristal muita gente, mas, muitos trabalhadores voltaram com o que foram, arrependidos. Alguns mais pobres do que quando foram, outros com algum dinheiro. Cobrem a pé uma centena de léguas, ou mesmo mais, no saco trazem um pouco de arroz, feijão e talvez toucinho, carne seca ou rapadura que comprem num ponto ou outro. Si o sertanejo tiver um “pau de fogo” é possível que encontre um dia alguma caça e ficará então muito satisfeito.
- 88 De Calixto ao Veredão vimos 2 vezes, à margem de brejos, algumas casas abandonadas; no brejo Fechado, nas cabeceiras de Cerca de Arame e nas nascentes do rio Novo, ranchos que servem de pouso quando vaqueiros fazem passar gado do vale do Tocantins para a Bahia e ainda uns abrigos dos mais rudimentares, pequenas choças ou paredes de palha inclinadas para proteger do vento, abandonadas pelos “mangabeiros”. Estes são geralistas

que moram mais para dentro do Goiás na beira de algum rio, que se aprovisionam de alimentos e vêm até a chapada passar uns tempos procurando mangaba e caçar animais.

89 Andam em farrapos quase nus e fogem à aproximação do viajante.

## 2.2 - O Jalapão

90 Entre o Veredão e a chapada do Piauí, avançando para Goiás pelo vale do Galhão, começa o Jalapão. Em relevo suave é fácil ter a estrada, mas, a areia é que dificulta, os animais afundando numa marcha difícil. A estrada bastante larga parece que já foi carroçável (...).

91 As boiadas que de Goiás vão até a zona da mata, além do São Francisco, também passam por aí. Já vimos também que os vales do Sapão e Galhão são os mais habitados nos gerais, e o Jalapão é banhado pelo Galhão. São vagos os limites dele. Por informações, sabemos que o planalto em que está o Veredão tem uma escarpa a 16 léguas para W. deste; até aí seria o Jalapão de cima e depois é o Jalapão de baixo do qual não temos notícias precisas.

92 Nós estivemos só num trecho do Jalapão de cima.

93 É um lugar de povoação relativamente recente e já em despovoação. Só as crianças são goianas; a maioria dos adultos é baiana que aí nasceu antes da passagem do Jalapão para Goiás ou veio de outros lugares, cearenses e piauienses, fugidos pela seca e pobreza. Quase todos são mestiços: mulatos, caboclos, cafusos e, estes, de sangue índio, são os que descendem de gente do lugar e das proximidades. Negros não se vê quase, nem há índios.

94 A existência dos brejos e da água deve ter sido espalhada por conhecedores do lugar em alguns cantos e certo número de famílias veio para cá. Mas, a terra era pobre, arenosa, sem saís, e o lugar estava longe de um centro, [apresenta] comunicação difícil: viagem em animal e pontos de abastecimento distantes. Assim, nunca houve muita gente no Jalapão, e, hoje, menos que uns tempos antes. Foi a diminuição de relações entre a Bahia e Goiás devido à falta de progresso, e, talvez, decadência de Pedro Afonso [a causa do despovoamento]; o cristal do Pium, que atraiu alguns sertanejos, e, a saída de outros que foram para outras terras, desiludidos com a pobreza do Jalapão [acentuaram] a decadência. Os jalapenses dizem que a decadência começou quando o Jalapão passou para Goiás e, de fato, todos do Jalapão querem ser da Bahia tendo alguns baianos voltado para lá. Compreende-se: sendo Formosa, cidade no rio Preto, o principal “comércio” havia, até há pouco, o imposto interestadual para os jalapenses que iam vender produtos na Bahia.

95 Parece que, num dia ou outro, viria a decadência para esta paupérrima terra, sem auxílio. Cansada com poucos anos de lavoura, mas, aqueles fatos precipitaram. Muitos, provavelmente não voltariam à Bahia se a terra fosse boa.

96 Pedra de Amolar é a capital do Jalapão de cima. É considerada vila, sede de distrito; tem umas 10 casas, 6 na margem da estrada formando uma rua e 4 espalhadas por perto. Casas de palha, umas 3 são melhores com barro batido nas paredes. Por perto estão as roças, um pequeno canavial e uma engenhoca.

97 Quem ficar em Pedra de Amolar um dia, talvez, veja uma tropa passar pela localidade. Se vier do E., jumentos, burros, deve ser de um comerciante da Bahia ou Piauí que às vezes vêm de muito longe, andando meses para vender aguardente, queijo, rapadura, para os operários do Pium a preços exorbitantes. É uma das especulações do dia do comerciante destas bandas. De Pedra de Amolar, também, sai alguma rapadura ou cereal para o Tocantins.

- 98 O viajante que passa pode querer abastecimento: comprará alguns cereais, rapadura para os animais; o milho raramente encontrará. Se ele tiver sorte encontrará para comprar toucinho e, com mais sorte, carne.
- 99 As tropas goianas se conhecem porque são de cavalos; para monta e para carga. Vão vender couros em Formosa e voltar com o sal, café, pólvora e outros objetos manufaturados.
- 100 Vitória e Carolina e, mesmo Belém, fazem concorrência ao comércio da Bahia especialmente na compra de couros, mas, não é forte e constante porque Salvador é a capital que mais atrai.
- 101 O comércio de Porto Nacional e Pedro Afonso, isto é, os bazares, são abastecidos por intermédio de Formosa mas, já Porto Nacional está começando a tender para Barreiras, o que é mau para o vale do rio Preto.
- 102 Estas tropas é que dão certo movimento às trilhas desta parte dos gerais, mas, é preciso lembrar que chamamos de movimento em relação ao que vimos para o sul. Não se pense que todo dia está passando uma tropa, e, uma, de 10 animais, já é das grandes.
- 103 Quando um jalapense vende algo para uma tropa que passa é mais uma pequena economia que faz.

### 2.3 - O vale do Sapão

- 104 No vale do Sapão, os geralistas também às vezes têm algo para vender aos viajantes que passam. Como no Jalapão, uma habitação basta para dar um nome ao lugar. (...) Prazeres, perto de Veredão, tem 4,6 moradas e um canavial.
- 105 À proporção que se desce o rio para São Marcelo aumentam as habitações e o aspecto da vila melhora em geral. Nos gerais próximos a São Marcelo, há uma nova ocupação: é o corte dos talos de buriti para as balsas. Esta palmeira tem, pois, mais uma utilidade: os negociantes de Formosa que precisam de balsas para descer carga pelo rio encomendam os talos de buriti aos geralistas que moram perto de São Marcelo, no Sapão e Preto. (...)
- 106 Com cipós, amarram feixes de talos que são soltos no rio. O balseiro do negociante leva-os até Formosa. (...).

Foto 94: A balsa que levou os membros da expedição, de Formosa, de volta



São talos de Buriti em feixes amarrados. O povo olha os preparativos para a partida.  
Foto do Eng. G. S. Pereira

Foto 95 Uma balsa no rio Preto levando mercadorias de Formosa para Barra



Uma balsa no rio Preto levando mercadorias de Formosa para Barra. O canal é fundo e a vara que serve para guiar a embarcação descança. O balseiro leva algumas varas de reserva para substituir as perdidas.

No 1° plano que ia na minha embarcação, no rio Grande, as duas balsas são amarradas de lado e navegam juntas porque lá o rio é mais largo e se pode manobrar.  
Entre Formosa e Rio Preto, 4/9/43.

Foto 73 O rio Preto entre Formosa e Rio Preto



Vemos as margens baixas neste trecho; a mata do lado e alguns poucos buritis. Aparece nosso "balseiro". 4/8/43.

## 2.4 - A ocupação humana da região das veredas

- 107 Nesta região vive uma população de mais de 30.000 pessoas, nas margens dos rios ou das veredas, em verdadeira ocupação linear, mas de habitações distantes entre si porque a terra é pobre. É nestas veredas que há uma vegetação mais cerrada, é próximo delas que estão as caatingas, terras mais férteis, e, pelas veredas se fizeram as estradas. A vegetação cerrada deve melhorar o solo vegetal e a desfolhagem deve adubar o terreno além das queimadas que o sertanejo faz.
- 108 As habitações [encontram-se] isoladas ou em aglomerações e, o número de casas, o tamanho das aglomerações, varia com a fertilidade do solo. (...)
- 109 Mas pelo fato dos rios serem as vias de comunicações especialmente o rio Preto que liga esta região com o São Francisco, neles estão os "comércios". São as cidades, antigos núcleos do povoamento sem dúvida e onde está o comércio, com os bazares e vendas que distribuem o que vem de fora e que vendem o exportável.
- 110 Parece-me que na Bahia há maior população devido mesmo ao rio Preto.

Foto 77 Baixo rio Preto



O rio está bem largo, parece que tem em media mais de 50 m. Aparecem as carnaubeiras.  
Foto do Eng. G. S. Pereira

- 111 Nas veredas a lavoura é o trabalho de todos, o que dá a comida de todos; é feita para o consumo do veredeiro.
- 112 Os excessos vão para as cidades aos que não cuidam da lavoura, sejam os negociantes e funcionários de Rio Preto e Formosa ou os criadores e funcionários de Corrente ou Paranaguá. Cada cidade dirige a vida das veredas vizinhas não só porque nela estão os órgãos administrativos mas porque aí moram os homens mais ricos e influentes, os criadores e aí está o comércio que recebe as produções e que distribui as necessidades da população. Assim, vamos encontrar nas veredas os vaqueiros, os que além de cuidar da lavoura própria “olham” pelo gado que os criadores espalham pelas veredas e que ganham por “sorte” 1 bezerro em 4 ou 5. Às vezes encontramos uma fazenda nestas veredas, isto é, propriedade habitada por algum criador e seus vaqueiros.
- 113 Além disso, em todas as veredas há uma pequena criação caseira, alguns porcos que nunca faltam e as galinhas. Alguns conseguem mesmo formar um grupo de cabeças de gado e às vezes vendem um boi ao “magarefe”<sup>5</sup> da cidade próxima ou matam, para o consumo das redondezas, não se perdendo então o couro.

\* \* \*

- 114 Todas estas atividades do homem da região da vereda têm uma disciplina que está ligada ao clima. As plantações são feitas pouco antes das chuvas e depois delas é a colheita; no período das águas o gado engorda. Na estação seca não há lavoura, o gado vai para o refrigerio nos gerais porque o pasto morre e a água é armazenada em poços e em tanques para os animais de monta e outros fins. Só então se fazem as comunicações. Nas chuvas as estradas estão ruins; as que beiram os rios nas várzeas estão intransitáveis e as que

beiram os brejos pantanosas, e,além disso as mercadorias ficam expostas. Os rios enchem e a cidade de Corrente, por exemplo, fica isolada de Formosa.

## 2.5 - Corrente e redondezas

- 115 Corrente é uma cidade de uns 1.000 habitantes, uma rua principal comprida na direção do rio, algumas outras secundárias e duas praças. As casas, geralmente pequenas, sendo algumas maiores, são quase todas caiadas porque há cal perto de Corrente.

Foto 83 A praça principal de Corrente e a rua principal



No fundo a serra testemunha e um bloco testemunho.

22/08/43 para SW. Altitude 434 m.

Foto do Eng. G.S. Pereira.

## Croquis 14



Tirado no mesmo local da fotografia com mesmos objetivos. 22/08/43

- 116 Famílias como a Paranaguá e Nogueira, as mais tradicionais deste canto do Piauí moram aí e veremos [sua] influência na região.
- 117 Estas famílias tradicionais que têm propriedades que ainda vêm dos tempos das sesmarias; querem ser cultos, estudam latim e francês, têm livros e formam a elite na qual entram os novos ricos e funcionários públicos. A gente mais culta que encontramos na viagem foi mesmo em Corrente e por isso lá não encontramos as casas mal tratadas. O viajante com algum título que passa é recebido com toda a cerimônia. Janta e dorme na casa deles.
- 118 As famílias tradicionais são as grandes criadoras; antigamente davam os políticos e hoje os “manda-chuvas” e alguns da administração. Interessante é a figura de Isaias Nogueira, isolado da família, estudioso, e que é o advogado que defende as causas do povo.
- 119 O Instituto de Corrente obra de americanos, é uma escola para a região, otimamente aparelhada que atrai a criançada da cidade e os meninos ricos da vizinhança.
- 120 Mas o que a nós interessa é que estas famílias tradicionais têm a riqueza em gado, que são os maiores criadores da zona e que a criação já é a tradição dos antepassados, a profissão nobre. Só os pobres e os que não têm origem antiga no lugar vão para a lavoura; temos pois habitantes de Corrente que trabalham nas roças que não estão longe. Alguns têm também algumas cabeças de gado. Há ainda os artífices e 2 ou 3 vendeiros.
- 121 Não há instalações para a criação, o gado vive solto pela caatinga e se espalha devido à pobreza do solo. Os criadores de Corrente têm rebanhos até na Bahia, mas não se pense que é grande o número de cabeças nestas terras. Os maiores criadores têm 2.000, 2.500 cabeças; quem possui 1.000 é muito rico e está bem quem tem 300, 350. O gado pasta na caatinga e o dono pede a alguns veredeiros que o olhem, cada um, um lote.

- 122 Muitas vezes o veredeiro mora nos seus terrenos. Como vimos nos gerais o trabalho de “ver” o gado é quase nulo: ir procurar um boi perdido pelo patrão, o que pode durar semanas, ou ver se a vaca que estava para parir já teve o bezerro. Alguns criadores têm casas boas fora de Corrente, não sendo raros os que vivem mesmo nas veredas, nas fazendas.
- 123 No Piauí, os vaqueiros são completos no vestuário: para “vaquejar” usam a rouparia de couro.
- 124 Também, quando um criador reúne uma boiada e parte para a “zona da mata”, vai ele e alguns vaqueiros, montados, vestidos com a indumentária completa. A pé vão os “tocadores”, auxiliares, alugados só para este serviço sem outros compromissos. À noite, o canto da boiada dá uma nota de profunda melancolia.
- 125 É este o fim principal da criação: vender na “mata”.
- 126 A rudeza da vida nas veredas não é muito inferior à dos gerais. A casa é construída aproveitando-se a madeira do cerrado. Casca de piassaba para o telhado ou mesmo palha e palha apenas ou com barro batido para as paredes. Nas veredas mais habitadas, especialmente no Piauí, encontram-se às vezes, casas melhores caiadas com cal de fora e com telhado de telhas de um olaria próxima.
- 127 A maioria da população é da região. Há um pequeno movimento interno de veredeiros que mudam de lugar ou de vereda pensando produzir mais e às vezes passa-se do Piauí para a Bahia e vice-versa. Pouca gente vem de fora, mas de vez em quando aparecem uns cearenses ou pernambucanos que vão para algumas veredas já que não se firmaram em outras terras, Por outro lado o cristal de rocha fez com que alguns moços fossem se aventurar em Chique-Chique ou Pium. Mas isto atingiu mais o rio Preto e as cidades onde muitas mulheres e crianças foram abandonadas.
- 128 Como nos “gerais”, o veredeiro, não muito longe da casa escolhe um lugar onde faz a roça junto à vereda. Todos fazem isso, mesmo os que também são vaqueiros porque não há outra coisa a fazer e nesta região sem recursos econômicos cada um prepara a comida.
- 129 O veredeiro pode estar num terreno próprio, num terreno devoluto [do qual] toma posse ou na propriedade de alguém. Neste último caso é o “rendeiro” e isso pouco significa; ele não paga nada ao proprietário, planta o que quer e nada deve. Apenas se o dono viver um pouco melhor, sente algumas obrigações morais, como por exemplo vender-lhe os excessos da produção ou olhar seu gado se ele o possui.
- 130 Esta questão da propriedade é aliás complicada. Gente se diz proprietária de grandes extensões, sem medidas certas, que vêm de herança e falam de documentos antigos, às vezes perdidos. Os limites são vagos como o são as unidades de medidas.
- 131 Há disputas etc. Muitos não podem provar que são donos de terrenos porque os pais não deixaram documentos das terras que eram divididos pelos filhos. Mas vejamos a lavoura: é interessante ver que o sertanejo ao sair para a roça usa o chapéu de vaqueiro. Este chapéu é usado por todos os veredeiros do Piauí e da Bahia e é o sinal deixado pelo ciclo do gado. Em toda a região, a não ser as “elites” das cidades e os comerciantes, todos usam o chapéu de vaqueiro.
- 132 Como nos gerais é preparada a roça: derrubada, queimada, cerca-se e [planta-se]. Para plantio revolve-se a terra um pouco com picareta ou pá. Muitos fazem a roça atravessada pela vereda e no meio desta fica o arroz; depois, progressivamente para fora é o milho com o feijão, a mandioca e o girimum. O que é mais geral é o milho e a mandioca. Nós já

falamos do tanque que geralmente é uma barragem na vereda. Com terra mesmo, barram o curso da vereda e fazem um sangradouro. Nas chuvas a água depois de encher o tanque sai pelo sangradouro mas o tanque fica com água toda a estação seca. Há também tanques que são escavados largos na terra. Aqui no Piauí parece que há maior umidade no solo que na Bahia e as barragens são menos freqüentes, mas, notamos que quando se faz estas barragens, elas ficam um pouco abaixo da roça e as águas armazenadas no inverno enlameiam as plantações de arroz e dão umidade para o resto da roça. Neste tanque bebem os animais.

- 133 Depois de certo tempo devido ao esgotamento da terra a roça é mudada de lugar. (...)
- 134 Quando, nos cerrados próximos da vereda, há as mangabeiras, o veredeiro aproveita-as para a extração de borracha. Cada veredeiro traz seu bocadinho e vamos ver que na vida econômica da região tem grande importância a exportação da mangaba.
- 135 Uma casa numa vereda basta para dar nome ao local. No mapa aparecem nomes como Mucambinho, Cabeça de Boi, Paraím, etc. que representam 1 ou 2 casas; Coximpó, Caraíbas, etc. 5, 6 casas; Catingueiro é uma localidade onde vemos uma rua de umas 10 casas e com os arredores são umas 20 habitações ao todo. Naturalmente pelos lugares mais habitados passa água corrente que vem dos gerais.
- 136 É nestes pontos onde há algumas casas reunidas que encontramos às vezes canaviais porque geralmente aí a situação é melhor; faz-se uma engenhoca e temos fabrico de rapadura e das “caninhas”. Em alguns pontos faz-se até um pouco de açúcar. Às vezes é o carro de boi que traz a rapadura para as casas e é também usado para trazer a lenha quando ela fica um pouco distante das habitações.

Foto 86 Casa típica de veredeiro



A fotografia foi tirada em Boqueirão onde juntam o Preto e o Grande e é pois uma casa da margem do rio, mas é assim mesma a casa da vereda. É o pau a pique, o barro batido e a casca de piassaba.

No Boqueirão há umas 5,6 casas e alinhadas na estrada; geralmente, pelas veredas e pela margem do rio, assim ficam as casas, alinhadas pelas picadas e estradas.

13/9/43. Para NE. Alt. 409 m.

- 137 Na casa do veredeiro não falta a criação caseira: sempre os porcos e as galinhas. E o que é feito dos bezerros que o vaqueiro ganha por sorte? O vaqueiro quando precisa de dinheiro pede-o ao criador e os bezerros a que tem direito são a fiança; é preciso ver que o criador dá \$30,00 por bezerro quando o valor médio é de \$50,00. Quase sempre o vaqueiro fica sem os bezerros e ainda fica devendo dinheiro. Só alguns veredeiros possuem uns 3, 4 bois ou vacas. Notamos, porém, alguns veredeiros também em melhores condições, não de famílias tradicionais, possuem pequenos rebanhos de gado pequeno que exigem pasto menor. São as ovelhas e principalmente cabras que agüentam melhor a seca e comem ramos secos e outras coisas. Na se precisa retirá-las da seca. A criação deste gado pequeno está começando em algumas veredas e é ainda muito reduzido. Tem contra si o cuidado que necessita: é a proteção das sussuaranas, pequenas onças da caatinga, raposas e gatos do mato. Este problema não há para o gado grande, onde um touro só guarda um rebanho inteiro de vacas. A pequena criação precisa ser recolhida todas as tardes para um lugar cercado e talvez, por estes cuidados necessários, a criação não é a mais desenvolvida. Nas veredas melhores os porcos são mais numerosos por casa e algumas habitações têm mesmo um grande número. Esta seria a criação mais produtiva: os porcos comem de tudo, são menos delicados que ovelhas e cabras e se reproduzem em grandes proles; no entanto, não passa de criação caseira – dá além da carne o toucinho que serve para cozinhar todas as comidas e que também é comido em pedaços. É o prato mais comum – feijão, arroz, toucinho e farinha de mandioca. Também encontramos muitas vezes a carne seca, carne de sol feita dos bois abatidos. Sendo a região pobre e a criação fraca, o veredeiro só abate de vez em quando um boi e então seca a carne da qual se alimentará por muito tempo. Outras vezes, tendo vizinhos próximos ele vende pedaços e comprará quando um deles abater.
- 138 Sobre o pouco cuidado da criação é preciso lembrar a falada preguiça do sertanejo. Já se falou das doenças, mas há outro aspeto: ele não se esforça porque não vê finalidade: abandonado, isolado, ignorado, sem assistência, sem educação, sem comércio, sem transporte, pouco se lhe faz produzir um pouco mais. Trabalha para matar a fome e a pobreza já fez aquela gente ter um pequeno apetite e sentir um gosto especial na carne ao sol e no feijão com mandioca. É errado pensar que o sertanejo é feliz com a sorte; a nós parece um desiludido e, dizem eles: “aqui não se vive, se vegeta”.
- 139 O viajante que passa pelas veredas, como nós por exemplo, precisa às vezes comprar qualquer coisa: é milho ou rapadura para os animais, toucinho, mandioca, ovos; 3 ovos compramos a \$0,10. 10 a 20 laranjas por \$0,10 e o mesmo quanto a limões. Não se deve pensar em fartura: é um simples exemplo da lei da oferta e da procura.
- 140 Alguns veredeiros têm algum animal: um cavalo, alguns jumentos que compram com as primeiras economias. Os burros são mais caros e só os de melhor situação possuem-nos. Os excessos dos cereais põem nos animais e vão vender em Correntes. Os que moram perto da fronteira baiana preferem ir à Formosa. Preferem também levar à Formosa, que tem mais comércio, a mangaba [e o] couro de animal morto, seja de gado, seja um gato do mato ou um catingueiro. Só os que moram perto de Corrente e não podem ir até Formosa vendem o couro em Corrente, às vezes a alguém que pode fazer a viagem. O veredeiro virá à Corrente tocando os jumentos, talvez montado num deles, ou num cavalo se o tiver; venderá talvez ao dono do terreno onde mora os cereais ou couros. Das cidades vão para as veredas os tecidos, as alpercatas, o café, o sal, a pólvora, etc. É que lá temos os sapateiros, os marceneiros, os ferreiros, alfaiates e os vendeiros. Na venda há o cigarro, o aguardente. Temos ainda o açougue. O magarefe compra bois de um e outro e quase todo

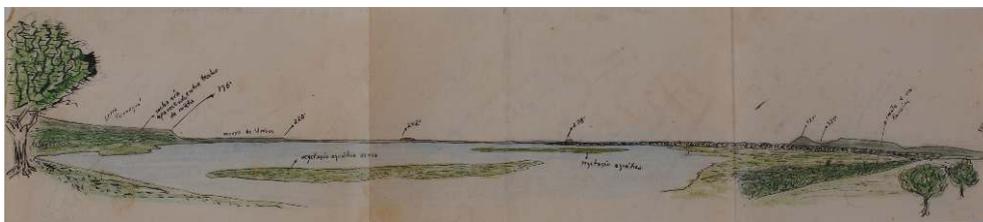
o dia há carne na cidade. Mas todas as casas, mesmo a dos funcionários públicos, procuram ter algumas frutas no quintal e alguns canteiros para verduras.

- 141 Corrente tem 1 ou 2 pequenos bazares, lojas de tecidos, ferragens, papéis, etc. e o fornecimento vem de Formosa. É para Formosa que vão os produtos exportáveis, nos jegues ou nos burros dos negociantes de Corrente e Formosa.
- 142 De vez em quando range o carro de boi que traz para a cidade lenha, telha da olaria próxima, rapadura ou outra coisa.

## 2.6 - Paranaguá e redondezas

- 143 Para L, no Piauí, temos a zona de Paranaguá menos habitada. Paranaguá tem ligações com Rio Preto, que lhe fica mais próxima e estas comunicações são difíceis devido às más estradas e à serra a atravessar.
- 144 Já vimos, no entanto, como perto da lagoa de Paranaguá a terra parece melhor, mais fértil, talvez de outra estrutura, mas não é progresso o que se vê no povoamento. O lugar está em decadência apesar de haver possibilidades de explorações que não há em Corrente. É o babaçu, a malva, o peixe na lagoa (os rios que vimos bem como o rio Preto não são piscosos), as vasantes das margens dos rios, terras inundáveis, férteis, boas para a lavoura e não laterizadas como em Corrente. Nas várzeas pode-se plantar na seca e o gado aí pastando não precisa ir aos Gerais.
- 145 Entretanto na cidade de Paranaguá vimos logo inúmeras casas inutilizadas, paredes e telhados arrasados à bala. As lutas políticas em Paranaguá foram muito sérias e dispersaram grande parte da população da cidade, onde se deram verdadeiras batalhas. Por outro lado, a dificuldade de transporte, a ausência quase de comércio não ajuda a prosperar e a região não volta a progredir. Para ir a Rio Preto com carga são 5 dias de viagem e só alguns possuem animais. Em Rio Preto não são altos os preços e como a produção é pequena, todo este trabalho não compensa quase. Os preços são baixos em Rio Preto em parte porque os produtos passam por várias etapas até Salvador ou São Paulo. Se o comerciante de Rio Preto explora os que trazem os produtos das veredas, ele é explorado pelos negociantes de Barra ou Juazeiro, e este pelo comércio de Salvador e por aí vai.

### Vista da lagoa de Paranaguá



Vê-se a planura do vale do Paraim e os serrotes testemunhas que se destacam.

- 146 Há, no entanto, outro mal bem sério: o impaludismo de Paranaguá é dos piores que há, sendo a lagoa o foco. Estivemos no “verão” e mesmo assim não se podia sair de tarde à rua sem sofrer o ataque dos mosquitos. Hoje, deve haver na cidade umas 30 famílias. Nesta, como em Corrente, há a família poderosa, tradicional, outro ramo dos Nogueira, que venceram a luta, e a criação é a tradição. O pessoal velho desta família já morreu quase

todo, mas nos casamentos, mesmo das mulheres, chegam novos membros. O resto dos habitantes, pobres (há até casas de palha na cidade) tem roças nas veredas, na margem do Paraím abaixo da lagoa. Na lagoa e no rio abaixo da lagoa há pesca, o que varia um pouco o prato do paranaguense. Pelo rio abaixo, há mais casas pelas margens e conhecemos o veredeiro mais abastado que no “inverno” mora na vereda e para o “verão” tem uma casa e roça na vazante.

- 147 Na região de Paranaguá também há as veredas, os pobres lavradores, os encarregados de “olhar” o gado, mas aí, quando chega a seca, o gado não precisa ir aos gerais; desce das “caatingas” para as veredas. Então, os animais vão pastar na margem do rio e quando cai a tarde se afastam do rio ou da lagoa subindo pelo cerrado por causa do mosquito. Nas chuvas o gado volta para os “altos caatingados” onde não há os mosquitos e o pasto é melhor.
- 148 Nas veredas próximas a Paranaguá explora-se a malva, e, a carnaúba e o babaçu, quando existem. Se o veredeiro é “vendeiro”, vende geralmente os produtos ao dono das terras ou então em Paranaguá mesmo, a uma pessoa mais rica que tem os animais para ir a Rio Preto; o veredeiro pobre não tem meios para ir até lá e a produção de cada um é pequena e não compensa trabalhos. Compreende-se que o veredeiro ganha muito pouco quando vende em Paranaguá e isto não estimula nada.
- 149 Às vezes é o proprietário de um terreno que aluga uns sertanejos para a exploração da cera e da malva e o regime é então da “parceria”: 50% do valor para o dono e os outros para o trabalhador. Compreende-se que o trabalhador ignora o valor do produto. O interessante é que o “rendeiro”, quando o proprietário possui um moinho ou uma engenhoca, procura-o para moer a cana ou fazer a farinha de mandioca e também o carro de boi dele alugará; paga com percentagens dos produtos.

## 2.7 - Ocupação humana do vale do médio e baixo rio Preto

- 150 Nas veredas, a ocupação é como no Piauí e embora lá o terreno seja mais fértil, a população é maior na Bahia, naturalmente devido à ligação fluvial com o São Francisco. Mansidão é uma vila, sede de distrito, de umas 20 a 30 famílias, e fica numa vereda bem longe do rio. Araroeira e Monte Alegre também são localidades de veredas e de certa concentração. Em Monte Alegre são casas dispersas, mas em Araroeira temos algumas ruas. Geralmente é em veredas maiores, ou onde a água demore mais, que há maior ocupação. Algumas veredas como a do Funil, por exemplo, ficam com água estagnada em alguns trechos, mesmo na seca e são mais férteis. Na Bahia encontraremos em maior número os canaviais pelas veredas, e aí se produz rapadura para todas as redondezas. Também encontramos algodão em algumas roças e em algumas casas há um velho tear; o veredeiro usando certas folhas consegue tingir os fios e a mulher lhe prepara uma camisa. O veredeiro também explora a mangaba quando encontra a mangabeira nos cerrados próximos. Os que moram perto da chapada, às vezes, lá vão procurá-la.
- 151 Já falamos que as margens do rio Preto não são férteis, mas como o rio é a estrada real, encontramos casas nas veredas num lado e outro da estrada que beira sempre o rio. Mas há outra coisa: abaixo de Rio Preto, vimos aparecer as carnaúbas nas várzeas e temos a exploração da cera; também, no curso baixo do rio aparece muito a mamona que também é explorada além de dar a luz das casas. Temos também uma pequena exploração de malva no baixo rio Preto nas proximidades das margens.

- 152 Na carnaúba temos o regime da parceria entre o trabalhador e o dono do terreno, 50% para cada parte.

\* \* \*

- 153 No vale do rio Preto o chapéu de vaqueiro ainda domina, mas não é a tradição quem manda; nem nela pensam os que trabalham na cera, na mangaba, na roça, [embora] sim nos bazares. Aqui domina o comerciante rico. O comércio e a lavoura acabam com a tradição do ciclo da criação. A maioria da população é do lugar, mas há alguns imigrantes nordestinos e encontramos alguns em Rio Preto.
- 154 Rio Preto e Formosa são os maiores centros. Têm cada cidade dessas 1500 a 1800 habitantes e aí estão os negociantes que vendem tudo que produzem as veredas baianas e piauienses e uma parte de Goiás.
- 155 Formosa que fica num terraço do rio Preto, é a porta dos “gerais” e a vontade dos habitantes é superar Rio Preto. Faz o comércio com Goiás e com Corrente, que é superior ao de Paranaguá com Rio Preto. Rio Preto, porém, tem outras vantagens: fica mais a jusante, por ela tem que passar tudo que vai e vem de Formosa e, agora, o vapor só vai até Rio Preto.
- 156 Nestas cidades moram alguns lavradores que têm roças nas proximidades e que preferem morar na cidade; mas temos, [também] os artífices, sapateiros, ferreiros, funileiros, alfaiates, marceneiros, os funcionários públicos, o padeiro, o açogueiro, os vendeiros e os comerciantes. Os bazares dão o movimento na cidade e temos 10 a 12 em cada uma das cidades. Eles compram e vendem de tudo: remédios, talheres, louças, fazendas, enxadas, facas, sapatos, papéis, rapadura, couros, arroz, mangaba, cera, malva etc.
- 157 Em Rio Preto, temos também 2 farmácias e o mercado onde os vendeiros têm espaço para vender os produtos ao povo.
- 158 Abdiel Reis e Manoel Dias são os maiores negociantes; têm lojas em Rio Preto e filiais em Formosa e o primeiro era o prefeito do município.
- 159 Interessante é que estes negociantes são os atuais criadores de Rio Preto. Eles, que se enriquecem nos negócios podem manter gado para vender lotes, de vez em quando, para Jacobina. Alguns vieram de fora; conhecemos um pernambucano, outro de Barreiras e Abdiel é piauiense, tendo começado como funileiro pobre. Não são, pois, famílias tradicionais que dominam no vale do Rio Preto.
- 160 Fora da cidade, há apenas uns 2 ou 3 criadores de pequenos rebanhos de família antiga. Há o caso do Dr. Galvão, um fazendeiro do São Francisco que tem gado numa fazenda na vereda do Funil, umas 1000 cabeças. Ele mora em Barra e tem fazendas pelo São Francisco e, todas essas posses são de herança.
- 161 Os negociantes formam a elite da sociedade. Fazem viagens ao São Francisco, alguns quase todos os anos e, de vez em quando, um vai até Salvador. Isto moderniza: eles e os funcionários andam de chapéu europeu, sapatos, gravata e há 2 rádios de pilha em Rio Preto e outro em Formosa. As modinhas de carnaval são conhecidas pelo povo.
- 162 Nem podemos dizer que não há indústria. Abdiel tem usina de arroz em Rio Preto e outra em Formosa e há mais uma usina em cada uma destas cidades.
- 163 A prefeitura, o telégrafo, a escola onde muitos alunos ficam de pé, a igreja, a recebedoria completam as cidades.

## Croquis 15 Rio Preto



No canto esquerdo a rua principal da cidade. No largo, onde há um capim, ficam a vontade os animais domésticos, mesmo os grandes, cavalos e bois. Na ilha, há cercados onde são recolhidos alguns animais como a "frota" de cavalos e burros de Abdiel Reis.

Muitas vezes, se vê um porco saindo a vassouradas de uma casa porque encontrando a porta aberta, foi entrando. Deixar a casa aberta é um costume do sertão. Às vezes o porco faz estragos no quintal, é morto e saem complicações.

18/5/43 para E.±. Altitude 434 m.

- 164 Em Formosa chega uma tropa; todo o mundo sabe, porque ela vem tocando os sincenos<sup>6</sup> pela rua principal e levantando poeira.

## Foto 90



A cidade de Formos no terraço sobre o rio Preto. Grande parte da população veio assistir a partida dos membros da expedição.

Foto do Eng. G. S. Pereira

- 165 Na rua principal, está a maioria dos bazares. A tropa para na porta de uma, no bazar de Pedro Mariano ou de Pompilho. Às vezes vemos os cavalos magros dos goianos e lá se descarrega couros, penas, mangaba. Outras vezes são jegues e burros que vêm das veredas, do Piauí, e trazem malva, arroz, couros, milho, rapadura, farinha, mandioca,

peles, penas, mangaba. Em Rio Preto, outras tropas vêm do Piauí e das veredas. Trazem o mesmo, mas menos peles e penas e mais malva e ainda cera de carnaúba. Estas tropas variam de aspecto. Ora são 10, 15 animais e alguns homens que trazem seus produtos, ou alguns tropeiros de um patrão e ora é um veredeiro com 2, 3 animais. E muitos veredeiros aparecem com um animal apenas.

Foto 91 A rua principal de Formosa



Os animais acabam de ser descarregados e trouxeram mercadorias, desde o Boqueirão onde o vapor de Barreiras as descarregou, para o "seu" Pompilho que tem um bazar e que também é criador. 2/9/43 para W. ±. Altitude 491 m.

- 166 Os produtos ficam nas lojas até descerem o rio. Os geralistas e veredeiros quando voltam levam café, panos, pólvora, alpercatas etc. Este comércio faz-se na estação seca e nesta mesmo os negociantes despacham as mercadorias para o São Francisco.
- 167 Dos talos de buriti que vêm dos gerais, as balsas são feitas em Formosa. Uma balsa grande pode levar até 4 tons, e 2, 3 homens, os "balseiros", pilotam estas balsas. O trabalho é apenas mantê-las no "canal"; são as águas que as levam. [Em seu percurso], elas vão parando nas margens e apanhando mais carga, couros, farinha de mandioca, arroz, de fregueses que os lojistas têm pelas veredas.
- 168 Muitas vezes, quando o São Francisco sofria de uma seca rigorosa ou enchente excepcional, vinha arroz em maior quantidade, rapadura e farinha do rio Preto para alimentação de regiões devastadas. Na região de Formosa há umas veredas que produzem muito arroz e há certa exportação para Barra. Com a guerra,<sup>7</sup> ficou proibido o comercio intermunicipal de gêneros alimentícios e os gêneros que descem de Formosa ficam em Rio Preto, sendo aí carregados mais couros, malva. Muitas balsas são de negociantes de Rio Preto.
- 169 Parece-me que muito cereal, muita farinha e muita rapadura desce pelas balsas, [certamente] sem "guias", sem fiscalização, para o São Francisco.
- 170 As balsas vão até Barra; é difícil ir até Joazeiro porque não há correnteza. Chegando em Barra são desmanteladas e o buriti não vale nada, mas o transporte foi barato; é muita

mercadoria que desce e o dono não paga frete saindo-lhe a balsa e os balseiros por alguns Cr\$ 100,00 apenas.

- 171 Há barcos que sobem e descem o rio Preto; são os “paquetes”, de algum tamanho, com coberturas de palha e que chegam a Rio Preto ou Formosa umas 4, 5 vezes por mês. Há o patrão que viaja com a mulher e filhos e os barqueiros que ele aluga por viagem, \$100,00 por cada. Os barqueiros não são sempre empregados fixos. O barco faz frete e é conhecido em todo o São Francisco, entrando pelos afluentes; um “paquete” pode levar 6 tons, e há os grandes barcos que levam mais. O pacote é movido à vara, os homens indo seguidamente da proa à popa neste movimento, impulsionando o barco; quase todos os barqueiros têm calos enormes nos peitos.

Foto 96 Um “paquete” chegado a Rio Preto



Foto do Eng. G. S. Pereira. 21/05/43

## Croquis 16 Como se sobe o rio Preto num "paquete"



Na popa vai o homem do leme. Os barqueiros começam o impulso apoiando o peito nas varas.

- 172 O frete é para bazares ou para particulares e leva às vezes passageiros. O barqueiro também é negociante por conta própria: ele traz mercadoria do São Francisco e vende para o povo ou para a loja; compra mercadoria de Rio Preto para vender noutros lugares. Procura abaixar os preços já que tem o transporte grátis e é um pequeno negócio. Já o sabemos o que traz: panos, café, açúcar, sal etc.; leva farinha, arroz, mangaba, couros etc.
- 173 Para atravessar o rio há pequenas canoas pelo rio Preto. Não há pontes; só nos gerais, porque o rio é estreito, há 2 ou 3 pinguelas, um tronco atravessado. Não se pesca no rio Preto.
- 174 Temos ainda o vapor. Antigamente ia até São Marcelo; depois até Formosa. Mais tarde deixou de haver vapor para o rio Preto e em setembro de 1943 [ele retornou], agora até Rio Preto, apenas. Não sei se ainda viaja, mas devia aparecer de mês em mês, mês e meio. Realmente é difícil subir o rio, de canal estreito, meandros e com lugares rasos na seca; então, encalhes se repetem. O vapor sempre chega a Joazeiro com avarias, mas o povo de Rio Preto diz que isolados não podem ficar, e, para isto, pagam impostos ao Estado.
- 175 O vapor leva consigo uma chata, que é a "lança" Vai atracada ao lado e lá vai a carga, tendo capacidade para 20 toneladas. No vapor vão os passageiros e a carga particular menor.

Foto 97 Tipo de vapor que ligava o Rio Preto a Juazeiro.



Este, serve a Barreiras e a fotografia é no Boqueirão.

Agora, em setembro 43, depois de um ano e meio de ausencia o vapor voltou a Rio Preto. Teria continuado as viagens?

Foto do Eng. G.S. Pereira. 10/5/43.

Figura 98 Foto no rio Preto, descendo-o



A "lancha" leva a bagagem pesada e vai atracada no vapor. No fundo, a serra do Boqueirão. 13/9/43

Foto 99 O vapor e o "paquete" na passagem do boqueirão.



A serra que aparece é o ramo sul.

Foto do Eng. S. Pereira do Boqueirão para SW. 10/5/43

Foto 100 Desencalhando o vapor



Viajar na estação seca pelo S. Francisco dá geralmente estes trabalhos penosos.

Foto do Eng. G. S. Pereira

- 176 Quando o navio apita e aponta em Rio Preto, todo o mundo corre para ver e é dia de movimento. Os carros de boi levam as mercadorias do ancoradouro às lojas da cidade. Começa a politicagem e os mais ricos põem a carga sem deixar lugar para os outros. De

qualquer modo um navio por mês não dá conta do recado e por isso são necessários os pacotes e balsa.

Foto 93 Carro de boi numa rua de Rio Preto



Ele traz lenha, tijolos, rapadura, milho, de fora da cidade, das veredas. Também, traz mercadorias do vapor para os bazares e vice-versa.  
20/5/43.

- 177 Interessante é ver, na viagem, o vapor, nas curvas fechadas, bater no barranco para virar, navegando ora de proa, ora de popa.
- 178 Por terra, vimos fazer as comunicações interiores, e devemos acrescentar que a estrada entre Formosa e Rio Preto é muito percorrida.
- 179 Pelas estradas passam também os carros de boi que, para as cidades, trazem a lenha, rapadura, milho. Abdiel tem um caminhão e quando vem a Formosa, de Rio Preto, é algazarra e festa. Ele não sai da região, não há estrada para fora; o caminho para Barra está sempre intransitável.
- 180 Pelo rio saem pois as mercadorias; juntam-se com as que vêm pelo rio Grande e entram no São Francisco por Barra. Quem vem por Barra verá pelo cais, jogados, fardos de malva e de borracha que esperam embarque no vapor, ou remoção para uma loja. Muitas dessas mercadorias vieram do Rio Preto; algumas serão vendidas aqui, mas a maioria vai adiante. Talos de buriti das balsas desfeitas ficam jogados na praia.
- 181 Barra é uma cidade de uns 6.000 habitantes e já tem outro ar, [diferente] das cidades do rio Preto. Quem passa 4, 5 meses nas veredas e gerais já estranha o movimento em Barra, por exemplo, a algazarra do mercado de manhã. Aí vem gente das redondezas vender peixes, legumes, cereais, frutas etc. e aí fica o açougue.
- 182 Nas ruas principais encontramos muitas lojas e depósitos. A cidade tendo boa posição, dominando a saída do rio Grande, possui intensa vida comercial e o comércio é a função desta cidade. São os produtos que vêm e vão da bacia do rio Grande e do trecho do sul do Piauí que por aí passam, além das relações comuns do São Francisco. As casas revendedoras compram dos pequenos negociantes do interior ou dos veredeiros para

vender em Salvador, Juazeiro ou São Paulo. Firms baianas conhecidas têm filial aqui. De vez em quando aparem as tropas de jegues que trazem produtos do município para descarregar nestas casas comerciais: couros, malva, mangaba, cera de carnaúba, etc.

Foto 103



Uma tropa de jegues traz, para um armazém em Barra, malva, cera, arroz e farinha de mandioca do interior do município.

Barra, r. Barão do Cotegipe, 5/5/43

- 183 Barra tem um dos melhores portos do São Francisco. Quase sempre há um barco e no cais temos certo movimento; mas, não só em Barra, mas em todo o São Francisco, o movimento é precário para as necessidades. Parece que isto mata um pouco a produção.
- 184 Como tudo o que falamos é relativo, Barra é uma grande cidade, das maiores do São Francisco; [constatamos isso pelo] grande número de artífices, os bazares, os barbeiros, as farmácias onde se pode ler jornais do Rio com 2 meses de atraso e o bar que tem um motor para sorvete e fornece luz para o quarteirão principal até 22 horas.
- 185 A importância que Barra teve antigamente deve ter feito com que se tornasse sede de bispado e [ganhasse] uma Escola Normal. A importância que mantém é que deve ter [lhe] dado a agência do Banco do Brasil e um moderno edifício para os Correios e Telégrafos.
- 186 O desenvolvimento do trabalho no cristal de rocha em Chique-Chique, outros pontos do NE e no Piauí, dá um movimento de aventureiros e negociantes que passam por Barra. E, também, sobre pedras preciosas, gira muita conversa dos meios mercantis. É interessante notar, nesta zona, como todos que vencem financeiramente têm uma vaidade de jóias; sempre se vê alguém fazendo negócio com outro a respeito de diamantes, anéis etc.
- 187 Assim, para quem vem dos gerais e das veredas, aparecem pela primeira vez os homens calvos, de anel no dedo e de manga de camisa.

- 188 No Hotel de Barra é muito provável encontrar algum negociante de Rio Preto subindo ou descendo o rio.
- 189 Do cais da cidade, para a outra margem, lá longe, aparecem os recortes da Diamantina. É um relevo diferente; a paisagem muda; paramos aí.

### 3 – Conclusão

- 190 Vimos uma região onde se destaca uma espinha dorsal, uma chapada de direção SN e depois WE, atacada em 3 sentidos pelo Parnaíba para o N., afluentes do Tocantins para o W. e rio Preto para E.
- 191 A forma do relevo é dada pelo modo que a estrutura sofre a erosão e, na ocupação humana, ao lado da água, a estrutura tem influência na distribuição e utilização.
- 192 A região dos arenitos é responsável pela paisagem dos “gerais”. São as chapadas desertas, as campinas, as escarpas em degrau devido a alternância de camadas de arenitos mais e menos resistentes à erosão, os brejos, e buritizais, as campinas goianas, os morros arredondados e abaulados, os cerrados ralos. Para estas terras arenosas, paupérrimas, há uma pouca gente de vida muito primitiva com habitações rústicas de palha, com uma lavoura fraca; gente que ainda caça para sustentar a vida e quase sem criação. Apenas na estação seca o gado da redondeza aí vem para o refrigério, porque nos “gerais” os brejos não secam e estão sempre verdes.
- 193 [O] lençol d’água que alimenta os brejos faz com que a influência do clima no ritmo da vida não seja tão marcante como na região das veredas. Havendo 2 estações distintas, é nas enxurradas que se faz a erosão; na seca [são feitas] as viagens.
- 194 Veremos algumas diferenças desta paisagem segundo a erosão das 3 bacias. A escarpa alta em Goiás, perpendicular aos rios, mostra uma erosão mais forte dos afluentes do Tocantins do que a dos do São Francisco, [que] têm o nível de base mais baixo. Na Bahia o vale é estreito e a escarpa acompanha o rio. Maior que na Bahia é também a erosão no Piauí: escarpa perpendicular aos rios, como em Goiás, pelo trabalho do Parnaíba devido ao nível de base no mar. Neste Estado, os rios tiveram a facilidade de correr por camadas sedimentares; hoje a erosão aí não é vigorosa porque os rios estão próximos ao perfil de equilíbrio e a chapada é mais baixa nas nascentes destes cursos que entre o rio Preto e os rios goianos. Mas na “interrupção” de Formosa-Corrente também suponhamos que houve capturas.
- 195 Em Goiás a ação do vento dá formas bizarras ao relevo [como] agulhas e castelos, ou então são provocadas pelo trabalho de águas sobre camadas de resistências diferentes.
- 196 Na distribuição dos geralistas vamos ver uma ocupação maior pelo vale do Sapão e pelo Galhão, por onde se fazem as comunicações entre Rio Preto e o Tocantins. É a região que tem o Galhão como eixo que é conhecida como Jalapão.
- 197 No curso médio e baixo do rio Preto e no Piauí, a algumas léguas das nascentes dos rios Paraíba e Corrente, temos uma paisagem diferente dos gerais; é a região das veredas, onde a estrutura é mais complexa com xistos micaxistos, quartzitos e arenitos.
- 198 As veredas são leitões por onde correm as águas nas chuvas, e que estão secas no “verão”; nesta região não há, pois, afluentes perenes para os rios que vêm dos gerais; não há lençol d’água, sem dúvida porque a erosão removeu as camadas de arenito onde havia o lençol e, na estrutura que ficou, ele não existe.

- 199 A chapada, nesta zona, está mais baixa, a 700m, e [é] coberta pelo cerrado. Parece que os arenitos compactos e talvez [os] quartzitos mantêm a escarpa (...). A influência dos níveis de base continua e vamos ver a diferença entre a Bahia e o Piauí; para isso, aliás, influi também a estrutura.
- 200 Para a Bahia, a escarpa é geralmente mais baixa. A serra do Boqueirão distingue o vale do rio Preto do baixo curso do rio Grande. (...) O baixo rio Grande tem as margens baixas, corre numa imensa planura que o mapa geológico indica de aluviões e a chapada está muito longe, enquanto que, no rio Preto, o relevo é menos plano, com morros antes da chapada e o vale é estreito. (...). O cerrado domina, mais denso no vale; quando é muito denso, devido talvez a um melhor terreno, os locais chamam de caatinga.
- 201 Para o Piauí, veremos também, depois da chapada, os morros abaulados que restam da destruição da chapada. A escarpa desta, aí, é maior devido à erosão mais adiantada e, por isso, também a descida é rápida e, em breve, caímos numa região mais ou menos plana onde se sobressaem serrotes. Em Paranaguá estamos apenas a 300m mais ou menos e o vale do Paraím é largo: um terreno mais ou menos plano cortado por serrotes que naturalmente devem ser de rocha mais resistente. A fertilidade maior deste lugar, alguns cursos perenes, o aparecimento do babaçu e, principalmente o aspecto diverso da rocha, nos deram a impressão que estávamos na outra estrutura, onde o mapa geológico marca permiano.
- 202 De Paranaguá até o mar são 1.500km por via fluvial e vemos que o declive é bem fraco. A lagoa de Paranaguá [e] algumas veredas estagnadas podem indicar a má drenagem devido àquele fato.
- 203 Nesta região das veredas o clima dá um ritmo na vida da paisagem. No inverno, há a erosão das enxurradas. As veredas enchem. Os homens – que alinharam as habitações pelas margens [daquelas] onde as terras são mais úmidas, a vegetação é melhor e por onde se fazem as comunicações e travessias da chapada, antes das chuvas –, preparam a roça. No inverno crescem os produtos agrícolas, [enquanto] o gado anda pelas “caatingas”.
- 204 Na seca não se planta. O gado vai para o refrigerio ou, em Paranaguá, para a vazante; faz-se [então] o comércio.
- 205 Pelas cidades de Rio Preto e Formosa sai a maioria dos produtos e por elas se a distribuição das importações.
- 206 Disse que as cidades foram núcleos de povoação e nota-se uma diferença entre o Piauí e a Bahia. No primeiro notamos as famílias tradicionais que moram nas cidades e que dominam as redondezas pela riqueza em gado. As cidades têm menor função comercial, mesmo porque não têm saída, como as do rio Preto, para centros importantes.
- 207 A criação tem tradição, mas é preciso comer e as roças para consumo próprio devem ter sempre havido. A maioria da população, gente pobre das veredas, não pode se dedicar à criação, não só por falta de meios, mas também porque a terra não comporta muitas cabeças, os rebanhos não aumentam. Assim, a lavoura é trabalho de quase todo o mundo e o ciclo da criação deixou o chapéu de vaqueiro que todos os veredeiros usam. Alguns são vaqueiros de criadores. Para se defender na economia o veredeiro procura achar a mangaba, produzir rapadura ou economizar alguns cereais para vender nas cidades. Ele tem ainda a criação caseira ou 2 ou 3 bois.

- 208 Em Rio Preto e Formosa encontramos os bazares que compram os produtos dos veredeiros de Corrente e Paranaguá. Aí, também, vêm os geralistas que arranjam algumas peles, penas, mangaba etc. Estas 2 cidades vendem para o São Francisco; nelas são os negociantes enriquecidos no comércio que dominam as redondezas e são eles que possuem a maioria dos rebanhos. Também aqui, a lavoura é o trabalho dos veredeiros, sendo alguns vaqueiros. Nas margens do rio, no alto curso, alguns ganham dinheiro em corar buriti para balsas, ou no baixo curso, em explorar a carnaúba.
- 209 Por terra faz-se a circulação interna, por jumentos, burros, carros de boi. O comércio com o exterior é pelo rio: balsas, “paquetes” e vapores descem couros, cereais, mangaba, peles, rapaduras, malvas, maniçobas. “Paquetes” e vapores trazem café, açúcar, sal, panos, pólvora, ferramentas e outros objetos manufaturados.
- 210 Barra, no São Francisco, engrossa o movimento deste rio com o que vem pelo rio Grande e muitas destas mercadorias são do rio Preto. Juazeiro é o grande mercado, mas, muita coisa fica nas casas revendedoras de Barra.
- 211 Uma coisa é preciso lembrar: é extremamente pobre a região que vimos e a falta de transporte e amparo anda piorando as coisas por lá; por isso muitas palavras que usamos valem pelo valor relativo. É quando dizemos que as terras em Paranaguá são “mais férteis”, que os “grandes criadores” são os negociantes de Rio Preto e Formosa, ou que estas cidades são as “mais desenvolvidas”.
- 212 Passei em maio por Barra e, no porto, estavam balsas desfeitas, outras sendo descarregadas, [com] alguns fardos de borracha e couros amontoados.
- 213 Em setembro voltei, novamente, por Barra. Era o mesmo aspecto, mas eu olhava diferente, sentindo algo por dentro. Aqueles talos de buriti balançando nas ondas da praia, ou jogados na areia, podres; os fardos de malva nas costas dos suados carregadores; os couros amontoados no cais, de mau cheiro, com moscas zumbindo eram traços da vida dum pedaço da natureza onde também vivi certo período.

## Pedro Geiger mostra seu relatório



Rio de Janeiro, janeiro de 2014

## NOTES

1. Trata-se de trecho da ampla chapada do planalto central entre as bacias do São Francisco, do Tocantins-Araguaia, do Parnaíba e dos rios maranhenses.
2. Furna, pequena toca (Nota do Editor).
3. Sucuri-verde (Nota do Editor).
4. De acordo com a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, v. II (Rio de Janeiro: IBGE, 1957, p. 535), os garimpos de Pium foram descobertos em 1942, no ano anterior ao presente relatório. Com a notícia da existência do cristal (basicamente quartzo) e sua grande valorização como mineral estratégico, durante o chamado “esforço de guerra”, houve intenso afluxo de garimpeiros à região (Nota do Editor).
5. Nome dado no interior do Brasil ao profissional que abate e esfolo o gado (Nota do Editor).
6. Supostamente, chocalhos ou sinos amarrados no pescoço do animal que vinha à frente da tropa. Em dicionários da língua portuguesa, *sincenos* ou *sincelos* figuram como cristais de gelo nos beirais dos telhados ou suspensos nas árvores, devido ao congelamento do orvalho. Não é totalmente descabida a hipótese de que este termo, de origem trasmontana, fosse utilizado também para designar um objeto análogo pelo formato ou pelo som que produzia. (Nota do Editor).
7. Segunda Guerra Mundial, na qual o Brasil ingressou em 1942 (Nota dos Editores).

---

## INDEX

**Geographical index:** Jalapão

**Chronological index:** 1943

## AUTHOR

**PEDRO PINCHAS GEIGER**

Auxiliar da 4 seção